



DÉBORA CUNHA FREIRE

ENTRE PÁGINAS E PONTES:

A magia das estórias na formação de leitores literários na educação básica

**GOIÂNIA
2025**

DÉBORA CUNHA FREIRE

ENTRE PÁGINAS E PONTES:

A magia das histórias na formação de leitores literários na educação básica

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestra em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Professora. Dra. Célia Sebastiana da Silva

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freire, Débora Cunha
ENTRE PÁGINAS E PONTES: A MAGIA DAS ESTÓRIAS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA
[manuscrito] / Débora Cunha Freire, Célia Sebastiana da Silva. -
2025.
LXX, 70 f.

Orientador: Prof. Célia Sebastiana da Silva.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa
de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2025.
Bibliografia.

1. Formação de leitores literários. 2. Ensino. 3. Leitura de Contos
Literários. 4. Literatura. I. Silva, Célia Sebastiana da . II. Silva, Célia
Sebastiana da, orient. III. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e dois dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro, às 14 horas, por videoconferência, no CEPAE-UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada **AS ESTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA** e do Produto Educacional intitulado **ENTRE PÁGINAS E PONTES: A MAGIA DAS ESTÓRIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA** pela discente **Débora Cunha Freire** como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) - presidente,

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFG) - membro interno,

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (PPGIL-FL-UFG) - membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vivianne Fleury De Faria, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/09/2024, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4690821** e o código CRC **35210A27**.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE N° 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: E-book contendo experiências e estratégias didáticas na perspectiva da formação de leitores literários envolvendo estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental.

DIVULGAÇÃO

- ☐ Filme
- ☐ Hipertexto
- ☐ Impresso
- ☒ Meio digital
- ☐ Meio Magnético
- ☐ Outros. Especificar: _____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

E-book abordando referenciais teórico-metodológicos acerca da formação de leitores por meio da obra de Cora Coralina para ser trabalhado na Educação Básica ou em ambientes de formação do leitor literário..

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Estudantes da Educação Básica – segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio – Professores (as) da Educação Básica e/ou Profissionais mediadores da leitura literária.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- ☐ **Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

(X) Médio impacto – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

() Baixo impacto – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

- ☒ Ensino
- ☐ Aprendizagem
- ☐ Econômico
- ☐ Saúde
- ☐ Social
- ☐ Ambiental
- ☐ Científico

O impacto do Produto Educacional é:

(X) Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

() Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)?

(X) Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação:

O Produto Educacional foi aplicado em uma pesquisa de campo com 22 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, situada, no Celina Park, no município de Goiânia. A vivência ocorreu do dia 29 de setembro de 2023 a 08 de dezembro de 2023, na qual foram efetuados 14 encontros, com duração total de 32 horas.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

☒ Sim ☐ Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

☐ Local ☐ Regional ☒ Nacional ☐ Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

☒ **Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

☐ **Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

☐ **Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

☐ **Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

☐ **Alto teor inovativo** - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

☒ **Médio teor inovativo** - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

☐ **Baixo teor inovativo** - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

☒ Sim ☐ Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

☒ Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEED

☐ Cooperação com outra instituição

☐ Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

☒ Sim ☐ Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

☒ Licença Creative Commons

☐ Domínio de Internet

☐ Patente

☐ Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

☐ Sim ☒ Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

Não se aplica.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, minicurso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros? (X) Sim () Não
Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação: O Produto Educacional foi apresentado no IX Seminário de Dissertações do PPGEEBCEPAE/UFG, em 14 de fevereiro de 2023.
O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas? (X) Sim () Não
Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação: Anais eletrônicos/digitais Freire, Débora cunha; SILVA, Célia Sebastiana da. As Estórias da Casa Velha da Ponte e a Formação de Leitores Literários na Educação Básica. Comunicação Oral no X Seminário de Dissertações do PPGEEB, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024. P.49. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais_-_IX_Seminario_PPGEEB_Cepae-UFG_ano_2023_-_diagramado_VF_conferida_em_09-10-23.pdf. Acesso: 12.10.2024

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma EduCAPES com acesso disponível no link: http://XXXXXX
Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG) (https://repositorio.bc.ufg.br/tede/). (ATENÇÃO: apague essa informação sobre a Biblioteca caso você tenha marcado “NÃO” no TECA)
Outras formas de Registro (informar o tipo de registro, número e forma de acesso, como no exemplo do EduCAPES).
Outras formas de acesso: (informe links, além dos já informados, ou indique bibliotecas onde está disponível. Para vídeos no youtube, no vimeo ou outros, indique o link. Caso o produto esteja na Biblioteca do CEPAGE ou em outra, informe o nome completo da biblioteca)

FREIRE, Débora Cunha. **Entre Páginas e Pontes: A Magia das Estórias na Formação de Leitores Literários na Educação Básica**. 2025. 70 f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

RESUMO

Este produto educacional, em forma de e-book, intitulado “Entre páginas e pontes: a magia das estórias na formação de leitores literários na Educação Básica”, apresenta minha prática pedagógica realizada em sala de aula, com uma turma de 8º ano, durante o mestrado profissional em ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 a 2024, cujo produto final é a dissertação “As Estórias da Casa Velha da Ponte e a Formação de Leitores Literários na Educação Básica”. O objetivo principal da pesquisa foi o de desenvolver condições didático-metodológicas, por meio de oficinas de leitura, escrita e reescrita dos contos e poemas de Cora Coralina, para a formação do leitor literário. Para tanto, toma-se como *corpus* de estudo os contos da obra “As Estórias da Casa Velha da Ponte” e outras produções, em prosa e verso, da referida autora. Para tecer reflexões sobre o ensino de literatura e a formação de leitores, mobilizou-se, como referencial teórico, os seguintes autores: Antônio Candido (2000, 2002, 2004), Rildo Cosson (2006), Tzvetan Todorov (2007), Maria Teresa Andruetto (2017), Teresa Colomer (2014), Regina Zilberman (1991), Paulo Freire (1994, 1996, 1997), Pierre Bourdieu (1996), Ítalo Calvino (2009), Ana Maria Machado (2002), dentre outros. Esta é uma pesquisa-ação e os instrumentos utilizados para gerar os dados foram os questionários (inicial, intermediário e final), as produções textuais, as reescritas e oficinas. Verificou-se como a leitura das narrativas e poemas de Cora Coralina poderiam ser experiências estéticas instigantes para desenvolver o gosto pela leitura literária; e se essa leitura poderia motivar o aluno para a leitura de outros textos dos mesmos gêneros. Este produto educacional é destinado a professores e profissionais da educação e tem o intuito de promover práticas de leitura mais dinâmicas e contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes em uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-Chave: Formação de Leitores literários. Ensino. Leitura de contos literários. Literatura.

SUMÁRIO

Introdução	13
1 Cora Coralina: considerações sobre a autora e sua obra poética.....	15
1.1 A poetisa, a contista e a vida	15
1.2 O contexto histórico e social em que suas obras foram produzidas.	17
2 A formação do leitor literário.....	20
2.1 A magia do conto: formando leitores literários.	20
2.2 O potencial transformador do conto na vida do leitor e sua capacidade de gerar reflexão sobre questões sociais	25
2.3 O papel do professor na mediação da leitura de contos e no incentivo à formação do leitor literário.	27
3 O Lampião da Rua do Fogo – O humor	31
3.1 Sugestão de Atividades.	37
4 As capas do diabo – A escravidão e seus horrores.....	39
5 A procissão das almas – A rede social do início do século XX.....	46
6 Campos Sales – O velho guerreiro.	51
7 Oração do milho e A laveira – A fé e a força.....	54
8 Miquita – A desigualdade imposta aos excluídos.	57
9 Atividades.....	61
9.1 Sugestão de atividade	62
9.2 As produções – escrita e reescrita.....	62
Considerações finais	68
Referências	69

Introdução

Nos últimos anos, a promoção da leitura e o estímulo ao hábito de ler têm se mostrado atos cada vez mais complexos. Nesse sentido, o trabalho com oficinas pedagógicas surge como uma estratégia eficaz para despertar e incluir os estudantes no universo literário. Os contos da autora Cora Coralina não apenas encantam, mas trazem consigo elementos que contribuem de forma significativa para a formação de leitores.

Dessa forma, a preocupação com a formação de leitores tem sido um tema importante no campo da educação, principalmente se considerarmos o declínio do interesse pela leitura, devido ao surgimento de outras formas de entretenimento, ligadas às novas tecnologias. E por isso, é necessário reverter esse quadro com propostas que contribuam para o desenvolvimento de habilidades leitoras e do gosto pela leitura e para ampliação do repertório cultural dos sujeitos. Para isso, é preciso mais do que o acesso a livros literários, é necessária a mediação de vários agentes educacionais (professores, bibliotecários, pais entre outros) com esforços voltados para construir condições propícias para que a leitura se torne uma prática significativa.

Este produto educacional é um *e-book*, intitulado “Entre Páginas e Pontes: A Magia das Estórias na Formação de Leitores Literários na Educação Básica”, que foi desenvolvido durante o mestrado profissional em ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 e 2024, cujo produto final é a dissertação “As estórias da casa velha da ponte e a formação de leitores literários na Educação Básica”.

Esta é uma pesquisa-ação, desenvolvida, entre os meses de Setembro a Dezembro de 2023, na Escola Municipal Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, no município de Goiânia, com estudantes do 8º ano. O objetivo do estudo é despertar nos estudantes a competência e o gosto pela leitura por meio de contos e poemas de Cora Coralina. Além disso, pretende-se contribuir para o desenvolvimento da compreensão crítica dos textos, além da apreciação estética e também a capacidade de reflexão e produção de textos.

O aporte teórico traz contribuições de autores que se dedicam ao estudo da Literatura e da formação de leitores, com perspectivas para o entendimento do papel da leitura no desenvolvimento humano, como, por exemplo, Antonio Candido (2000, 2002, 2004), Rildo Cosson (2006), Tzvetan Todorov (2007), Maria Teresa Andruetto (2017), Teresa Colomer (2014), Regina Zilberman (1991), Paulo Freire (1994, 1996, 1997), Pierre Bourdieu (1996), Ítalo Calvino (2009) e Ana Maria Machado (2002).

Ao longo deste estudo foi possível verificar como os estudantes se relacionaram com os textos, o engajamento e o interesse frente às atividades propostas, a interação com os textos literários, bem como a incorporação dessas experiências em seu mundo. A observação também

revelou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo de compreensão e debates, o que forneceu subsídios para estratégias de mediação mais eficazes.

Dessa forma, este *e-book* tem como objetivo apresentar o trabalho realizado em sala com 5 contos e 2 poemas da autora Cora Coralina, que consistiu na leitura, realização de atividades, produção de textos e reescrita. É importante frisar que o trabalho com a formação de leitores literários foi o aspecto mais importante, entretanto isso não diminuiu o trabalho com a produção de textos. A leitura, neste contexto, estabeleceu a base sólida para a formação de leitores competentes.

1. Cora Coralina: considerações sobre a autora e sua obra poética

Figura 1: Foto da escritora Cora Coralina



Fonte: <https://revistaesmeril.com.br/a-beleza-importa%E4%B8%A8cora-coralina-e-a-docura-do-cotidiano/>. Acesso em 25 abr. 2024.

"Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha."
Cora Coralina

1.1 A poetisa, a contista e a vida

Cora Coralina (1889 – 1985), cujo nome verdadeiro é Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas foi uma poetisa e contista brasileira que nasceu, em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, às margens do Rio Vermelho, no Estado de Goiás, onde viveu, por vários anos, em uma casa com muitas janelas perto de um rio e de uma ponte.

Ana Lins dos Guimarães é filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão. Descendente direta do bandeirante Anhanguera, nasceu pouco depois da libertação dos escravos. O pai da menina faleceu quando ela completou um mês de vida. A família dependia da mão de obra escrava e, por isso, enfrentou dificuldades financeiras e também acumulou dívidas e esse foi um período desafiador para a pequena menina.

Aos 11 anos, Cora mudou-se com a família para a fazenda de seu avô na cidade de Mossâmedes e "lá entrou em contato com a vida na gleba e com uma prática que a acompanharia por toda a vida: a contação de histórias" (Britto; Seda, 2009, p. 51). Com uma vida simples e

difícil desde criança, Aninha, como era chamada, era tida pela família como uma menina izeira, como descreve “menina izeira, buliçosa, malina” (Coralina, 1987, p. 114). Foi a bisavó de Ana, Antônia (mãe Yayá), quem a introduziu no mundo das histórias e das lembranças que se tornariam seus contos e poesias. Muito do que a autora escreveu não veio apenas de seu próprio conhecimento, mas das palavras e memórias transmitidas por sua bisavó

Cora Coralina estudou por pouco tempo na escola da mestra Silvina – onde aprendeu a ler e a escrever, mas não se sabe ao certo quantos anos ela frequentou a instituição. No entanto, a escola trouxe um novo mundo para a menina, pois aprender a ler abriu as portas para a palavra escrita e os livros, com isso, ela desenvolveu o gosto pela leitura, um hábito que carregou consigo ao longo da vida. Ainda adolescente, a jovem começou a escrever e, em parceria com Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana, criou um jornal de poemas femininos.

Em 1911, aos 22 anos, Cora partiu para São Paulo, com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, com quem foi casada de 1925 a 1934, e gerou 6 filhos, Vicência Bretas, Paraguaçu Bretas, Eneas Bretas, Ísis Bretas, Jacyntha Bretas e Cantídio Bretas. Ficou viúva em 1934 e passou a fazer doces para sustentar os filhos. Também vendia livros para a Editora José Olympio e, mesmo sem apoio familiar, continuava escrevendo, não deixando a escrita cair no esquecimento. Em 1936, foi viver no interior, na cidade de Penápolis, mudando-se para Andradina e ali abriu uma loja de tecidos. Nesse local, também escreveu para o jornal da cidade. Ademais, candidatou-se a vereadora em 1951. E em 1956, 45 anos depois de sua partida para São Paulo, Cora retornou a Goiás, às suas origens, às suas pedras e à velha casa da ponte, “vestida, de cabelos brancos, voltei sozinha à velha casa, deserta” (Coralina, 1987, p. 247).

Ana estudou até as primeiras séries iniciais, entretanto isso não impediu de ser uma das maiores escritoras Brasileiras. Com quase 76 anos, teve seu primeiro livro publicado em 1965, apesar de escrever desde a adolescência. Todavia, o tempo de Cora exigiu a espera até a publicação de seu primeiro livro e até quando o poeta Carlos Drummond de Andrade a descortinou para o Brasil em 1980 em uma crônica no Jornal do Brasil,

[e]ste nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina. Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna. Cora Coralina, para mim, a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do estado. Entretanto, uma velhinha sem posse, rica apenas de sua poesia, de sua invenção e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada (Drummond, 1980, p. 7).

Cora Coralina, a poetisa, escreveu “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (1965), “Meu livro de cordel” (1976 /2001), “Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha” (1983); a escritora de contos “Estórias da casa velha da ponte” (1985), “Meninos verdes” (1986), “Tesouros da casa velha da ponte” (1989), “A moeda que o pato engoliu” (1997), “Villa Boa de Goyaz” (2001) e “O prato azul pombinho” (2002).

Cora faleceu, em 1985, no dia 10 de abril, com uma pneumonia. Hoje, a casa na cidade de Goiás, onde a poetisa nasceu e viveu quando voltou de São Paulo, é o Museu Cora Coralina. Em 2011, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu a casa na cidade de Goiás como patrimônio histórico da humanidade.

1.2 Contexto histórico e social em que as obras de Cora Coralina foram produzidas

Figura 2 – Cidade Goiás



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

Cora Coralina viveu quase um século de vida e, por isso, presenciou os desafios e as mudanças sociais do seu tempo, inclusive as desigualdades sociais comuns em sua época. Os temas abordados pela escritora em suas obras são reflexos do ambiente em que ela viveu e de suas memórias. Ela retrata as relações humanas e sociais ao invés de abordar acontecimentos históricos de seu tempo, muito embora o particular esteja muito apoiado no universal, uma vez que não vivemos desconectados de um contexto histórico mais amplo. As obras “Estórias da casa velha da ponte” (2008) e “O tesouro da casa velha” (2002), por exemplo, exploram as

experiências cotidianas, as memórias, as tradições e as emoções humanas. Os escritos da autora são marcados por uma imensa conexão entre a vida comum, as pessoas comuns e sobre a própria vida, do nascimento à velhice.

Cora Coralina sempre esteve envolvida em um processo de busca por legitimação e visibilidade no campo literário, ao mesmo tempo em que procurava criar uma conexão entre sua obra e as realidades sociais. Para Candido (2006) as influências socioculturais múltiplas estão atreladas à estrutura social, aos valores e às ideologias e refere-se aos fatores socioculturais na obra de arte como algo que só está acabada no momento em que repercute e atua, por ser um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Nesse sentido, ele afirma: “[e]les [os fatores socioculturais] marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (Candido, 2006. p. 30).

Apesar da obra de Cora Coralina ser marcada por suas experiências pessoais, ela também é construída sob as influências socioculturais, haja vista que seu contexto de produção representa a sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX. Dessa forma, o estudo da História da sociedade da época e a leitura da obra permitem a compreensão sobre como esses elementos influenciaram seus escritos e se refletem em sua visão de mundo e nas questões sociais que ela aborda.

Em 1956, Cora retorna a Goiás, às suas origens, às suas pedras e à velha casa da Ponte e inicia a organização cuidadosa de todos os seus registros. Essa volta permitiu um compartilhamento profundo de experiências e visões de mundo da ‘poeta que se materializou em sua construção poética.

A criação literária de Cora tem parte de suas raízes na vivência rural e na vida interiorana, tornando-se um elemento essencial em sua obra,

o rural aparece como estrutura de sentimento do vivenciado, como resgate de um *habitus* compreensível no seio da experiência histórica da autora, a qual, sem hierarquias simbólicas, substancia suas criações, vinculadas à experiência da terra e do rural, à experiência de mulher engajada no ofício poético, num espaço masculinizado como o campo literário, reportando-se a um espaço social de dominação masculina, como o rural (Britto; Santos, 2009, p. 7).

Nesse lugar, as pessoas se aproximam da natureza de forma equilibrada, buscando harmonia entre a vida em comunidade e o ambiente ao redor. Há nesse ambiente, o espaço da fartura, vista como a manutenção da vida: “o forno de barro estava sempre aceso / e a copa e a mesa das refeições transbordavam da fartura / e da abundância da casa grande” (Coralina, 2007,

p. 64). Nesse espaço percebe-se a existência de alimento abundante, além do espaço de convivência e purificação da saúde, bem oposto ao da vida urbana. Assim, podemos entrelaçar obra e história de vida da poetisa para atribuir a ela o conceito de artesã e guardiã da memória, pois conseguiu testemunhar e eternizar o passado.

Cora Coralina rompe com as formas tradicionais da escrita ao utilizar uma linguagem próxima da oralidade, dando voz às suas experiências de forma mais autêntica e buscando uma expressão de uma época e de uma identidade de um povo. Por meio das narrativas, conectadas com a sociedade e a cultura, a autora reflete sobre as diferenças, transformações sociais e preocupação com a preservação da natureza, como mostra o poema: “A terra dura contaminada./ Os trigais perdidos.? (...) A erva está envenenada. / As fontes poluídas./ Não há mais verdes,/ nem herói, nem nada./ (...) Um estrondo abala a terra./ A última bomba?/ Não, a explosão demográfica”. (Coralina, 2004, p.269)

Cora Coralina é a mulher que fala de um Goiás que não existe mais, cujos costumes e tradições estão no passado, muitas palavras e expressões utilizadas na escrita não fazem mais parte do nosso dia a dia, mas representam a cultura de um povo. A escritora retrata suas memórias por meio de seus poemas e contos, trazendo à tona a importância da memória e da preservação das raízes culturais. Assim, emergem as vozes dos sujeitos marginalizados, dos párias da sociedade, dos invisíveis. Além disso, há a valorização da identidade regional e da representação da voz feminina na literatura brasileira. Isso nos mostra que os livros são “pontes entre as condições de humanidade de uma cultura e as formas estéticas geradas a partir delas, entre o mundo íntimo de quem escreve e a sociedade à qual pertence” (Andruetto, 2017, p. 28).

Isso nos mostra que os livros são “pontes entre as condições de humanidade de uma cultura e as formas estéticas geradas a partir delas, entre o mundo íntimo de quem escreve e a sociedade à qual pertence” (Andruetto 2017, p. 28). Percebe-se que a obra coralineana conecta a experiência humana com a cultura de uma determinada época, mas que se mostra atual, e a leitura dela permite ao leitor conhecer a realidade local de Goiás, os valores e as tradições.

2. A formação do leitor literário

2.1 A magia do conto: Formando leitores literários

Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra,
Com seu imenso saber, infinita sabedora, sua arte de ensinar.
Cora Coralina

A narrativa é uma manifestação cultural dos povos através do tempo e ao longo da História, uma vez que permite a interação, o compartilhamento de experiências e a construção de significados em diferentes culturas, épocas e sociedades. O hábito de contar histórias sempre fascinou e não se sabe ao certo quando surgiu, mas de acordo com Gotlib (1998), os contos mais antigos, que são chamados de “contos mágicos”, provavelmente, apareceram 4000 anos antes de Cristo.

Nossos ancestrais já contavam suas histórias, seja por meio de desenhos que ficaram registrados em cavernas ou narrativas como as fábulas, os mitos e os contos, com seus heróis. E a narrativa curta é uma forma de despertar o interesse pela leitura desde a infância, pois funciona como uma porta de entrada para o mundo da literatura, permitindo que os leitores explorem gêneros mais complexos à medida que vão expandindo suas experiências e expectativas.

Para Julio Cortázar (1974) e Nádía Gotlib (2004), o conto tem elementos fundamentais que chamam a atenção do leitor literário e isso se deve ao seu caráter conciso. Segundo Júnior (2024, p.46), “em suas variadas formas, o conto costuma ser definido como uma narrativa de ficção curta que pode ser lida de uma só assentada, visto que gira em torno de uma única trama ou conflito, inserida em um certo espaço com poucos personagens e a presença de um narrador”. O conto, por sua essência, é conciso e objetivo, o que o diferencia de formas mais extensas de narrativas como o romance. O conto, por ser uma narrativa condensada, apresenta poucos personagens, um narrador que conduz a história e que pode assumir um caráter subjetivo e outras vezes, objetivo. Cortázar (1974) diz que a brevidade do conto faz com que ele seja diferente do romance, haja vista que mesmo conciso, traz uma leitura intensa. Como o autor coloca,

[o] romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um é em princípio uma 'ordem aberta', romanesca, enquanto uma fotografia bem realizada pressupõe uma limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. Não sei se os senhores terão ouvido um fotógrafo profissional falar da sua própria arte; sempre me surpreendeu que se expressasse tal como poderia fazê-lo um contista (Cortázar, 1974, 151).

Já para Nádía Gotlib (2004), o conto é um gênero literário que evoluiu ao longo da História, desde suas raízes na tradição oral até sua consolidação como forma escrita, e embora tenha ganhado destaque na era moderna com autores como Edgar Allan Poe e Julio Cortázar, sua essência permanece ligada à narrativa concisa e à capacidade de provocar uma resposta imediata no leitor. Júnior (2024), citando Gotlib afirma que

Gotlib (2004) admite como angustioso problema a tentativa de responder à pergunta o que é o conto? Destaca que a história do conto pode se esboçar a partir do critério de invenção, que se inicia com a sua criação e transmissão oral. Depois, seu registro escrito. Por fim, a criação por escrito em que o narrador assume múltiplas funções como contador – criador – escritor de contos, afirmando, então, seu caráter literário. Portanto, são os recursos criativos associados à voz de quem fala ou escreve uma narrativa, conferindo a essa um resultado estético, que diferenciam um contista de um contador de histórias (Júnior, 2024, p. 47).

Por sua vez, Gotlib (2004) explica que o conto é um gênero que não apenas entretém, mas também provoca reflexões profundas sobre a condição humana e os dilemas universais. Ao longo dos séculos, o conto tem servido como um meio privilegiado para explorar temas complexos e universais de maneira acessível e envolvente. A autora (2004) explica que

[e]mbora o início do contar história seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem histórias. Para alguns, os contos egípcios – os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam (Gotlib, 2004, p.6).

Portanto, tanto Cortázar quanto Gotlib concordam que o conto é uma forma literária multifacetada que desafia categorizações simplistas, sua verdadeira arte reside na capacidade do escritor de criar uma narrativa que seja ao mesmo tempo compacta e profunda, capaz de estimular a imaginação e provocar reflexões sobre a natureza humana. O conto continua a ser um campo fértil para a experimentação e inovação literária, mantendo-se relevante e impactante ao longo do tempo.

Por conseguinte, narrar faz parte de nossa constituição como sociedade e, por esse motivo, esse ato deve estar presente na escola, na sala de aula. A literatura “ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana” (Colomer, 2014, p. 27), pois nos faz refletir e questionar o que vivemos. E é nesse espaço de reconfiguração, a escola, que entra o leitor de contos literários, ou seja, aquele que viverá as práticas sociais da leitura absorvendo toda a função da literatura em seu desenvolvimento educativo e humano.

Dessa forma, é importante destacar que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2004, p. 174). Então, o ser humano, por meio da literatura, pode explorar um mundo com mais significado, conhecer diferentes culturas e experiências humanas.

Outrossim, é imprescindível reforçar a importância da formação de leitores literários na sala de aula, já que a escola é um espaço para desenvolver habilidades de leitura, compreensão, apreciação da literatura e produção de conhecimento. A literatura faz com que o ser humano desperte a capacidade de fabular, de imaginar, ela não apresenta respostas prontas para os problemas que o leitor enfrenta, mas pode fazê-lo questionar e refletir sobre o que é considerado naturalizado, porque a arte tem como função fundamental problematizar o mundo (Andruetto, 2017, p. 79).

Nesse sentido, “formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos da escola. Dentro desse propósito geral, a finalidade da educação literária, de acordo com a autora, ‘pode resumir-se à formação do leitor competente’” (Colomer, 2014, p.30). Assim, pode-se dizer que a prática leitora na escola tem como objetivo desenvolver habilidades de compreensão, interpretação, criatividade e também ampliar o repertório cultural dos discentes com a leitura literária, já que contribui para desenvolver o vocabulário e ajuda o estudante a refletir de uma forma mais crítica e consciente. Para Colomer (2014, p. 31), o

objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos [...]
Em segundo lugar, o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural [...]. (Colomer, 2014, p. 31, grifos do autor).

Dessa maneira, a leitura literária permite que o indivíduo, que tem o hábito da leitura, esteja sempre em evolução com as reflexões que o texto lhe apresenta, construindo assim seu conhecimento sobre o mundo e suas nuances. A leitura literária contribui para que o estudante compreenda o contexto histórico de produção da obra e se familiarize com costumes e ideologias que o leva a enriquecer sua percepção do mundo. O texto literário precisa nos trazer perguntas, despertar dúvidas e nos apresentar questões. A literatura pode nos fazer questionar nossa existência e nosso papel no mundo, nela

não está a palavra infalível nem a palavra uniforme que suprime a indecisão e a dúvida; muito pelo contrário, em seu mundo vivem a dúvida, as indecisões, as

dificuldades de compreensão, que são todas estratégias necessárias para pensar por nós mesmos, coisa sempre tão difícil. Enfim, a literatura não nos leva à simplificação da vida e, sim à sua complexidade, evitando o pensamento global, uniforme, para ir em busca da construção de um pensamento próprio (Andruetto, 2017, p. 79-80).

Portanto, conforme a estudiosa argentina (2017), a literatura é uma forma de nos fazer refletir sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Isso acontece porque a leitura nos transporta para um mundo de novas histórias, com personagens interessantes e situações que nos permitem observar diferentes vivências, nos leva a refletir sobre nosso próprio mundo e o que nos cerca.

Nesse sentido, o trabalho com o texto literário, em sala de aula, é primordial para o desenvolvimento de habilidades de leitura e formação de leitores competentes e críticos. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de Língua Portuguesa (LP)

assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

Como se vê, o texto, segundo o documento oficial, é o elemento central no processo ensino-aprendizagem, não apenas por sua estrutura e conteúdo, mas também pelas circunstâncias em que foi produzido com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura, entre outras. O gênero textual conto, por ser mais conciso, permite uma experiência literária diferenciada no sentido de que pode ser lido “em uma única sentada”, como diria Edgar Allan Poe, em comparação com gêneros mais extensos. Além disso, o conto proporciona o contato com narrativas curtas que abordam uma variedade de temas universais. Todorov (2007) afirma que o significado de uma obra vai além da opinião pessoal, envolve um esforço de compreensão e conhecimento. Logo, a leitura de contos vai além dos elementos constituintes, já que ela deve proporcionar uma experiência única para o leitor, uma experiência emocional e também intelectual para estimulá-lo a imaginação. Diante disso,

[o] leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça a sua existência (Todorov 2007, p. 32-33).

Nessa perspectiva, a inserção do estudante no universo do conto é um meio para colocá-lo no exercício da leitura, atraindo-o com uma linguagem que apresenta o gênero como

“incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases” (Cortázar, 1974, p. 152). Esse gênero textual pode ser impactante e prender a atenção do leitor logo no início do texto e isso na escola tem um papel de suma importância, pois estimula o interesse pela leitura, desenvolvendo a imaginação e a criatividade. Por isso, o trabalho com o conto deve ser realizado de forma constante, instigando o educando a perceber “os elementos invariáveis que dão ao conto a atmosfera peculiar e a qualidade de obra de arte” (Cortázar, 1974, p. 149) e transmitem significado e emoção ao leitor. Um desses elementos é a concisão que permite o desenvolvimento de competências leitoras que o jovem leitor levará ao longo da vida.

Em consonância com isso, o professor deve levar em conta que o trabalho com o gênero conto exige o conhecimento das especificidades do mesmo, por meio das vivências da leitura, para que possa entender o ofício do contista e apreciar o estilo dele. De acordo com Cortázar (1974, p. 150-151)

se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como o tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (Cortázar, 1974, p. 150 -151).

Com essa afirmação, complementa-se a ideia de que o conto é uma intersecção entre a vida e a escrita e que elas se ligam de maneira profunda e única. Daí a importância do trabalho com o conto em sala de aula, para trazer uma compreensão significativa do mundo e dos homens, estimular a imaginação, promover o desenvolvimento da linguagem e proporcionar reflexões sobre temas diversos de forma concisa e envolvente. Dessa forma, o professor deve ser o elo para conectar o texto literário aos alunos, a prática leitora necessita levar o estudante a ler, conhecer e interpretar o assunto do livro. É responsabilidade do professor organizar o material, esclarecer dúvidas, criar discussões e atividades que envolvam a turma, oportunizando uma aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, requer-se que o professor seja, a priori, um leitor (Cosson, 2006).

Para despertar o gosto pela leitura, é necessário trazer o jovem para perto do conto e criar uma certa intimidade com o gênero. Assim, o aprendiz terá um contato com a narrativa curta para explorar a estrutura, o estilo e a temática, e poderá compreender o texto de forma mais profunda. Quando as histórias são bem escritas, elas conseguem envolver os alunos e torna a literatura presente no dia a dia. Esse fato faz com que o leitor, a partir de suas próprias

referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dê um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria (Chartier, 1996).

Diante disso, percebe-se que a presença do conto em sala de aula e o conhecimento prévio dos educandos faz com que a formação do leitor literário seja mais completa e devido a isso, o professor precisa desenvolver um trabalho que tenha como objetivo despertar o interesse e a curiosidade sobre o gênero. O papel do professor na mediação da leitura de contos é essencial, pois apresentar os contos aos estudantes é uma oportunidade de despertar emoções e sentimentos em relação à estória e aos personagens. Isso cria uma conexão entre os alunos e o conto e estimula a curiosidade pelo gênero literário.

Tendo em vista essas considerações, na próxima seção, discuto a importância do professor na mediação entre educando e literatura.

2.2 O potencial transformador do conto na vida do leitor e sua capacidade de gerar reflexão sobre questões sociais.

O conto, ao abordar temas que têm relação com quem está lendo, pode ter um papel fundamental na formação e na vida do leitor, sendo capaz de desenvolver uma certa empatia tanto pelo assunto como pelos personagens. Destarte, segundo Calvino (2010), a Literatura como função existencial proporciona a leveza em relação ao peso que pode ser a vida. Desse modo, a Literatura é uma forma de encontrar equilíbrio e uma forma de escapar da realidade que nos circunda. E isso reforça a importância de o conto estar presente em sala de aula.

Esta pesquisa tem como objeto a prática da leitura e a formação de leitores literários na Educação Básica. Para tanto, toma-se como *corpus* de estudo o livro “As Estórias da Casa Velha da Ponte” e outras produções, em prosa e verso, da poeta Cora Coralina. No conto “Miquita”, por exemplo, a descrição detalhada das características físicas da personagem e da sua vida cotidiana revela um retrato complexo e humano e desperta empatia no leitor.

Miquita foi moça como toda moça.

Contou seus 15 anos como toda jovem. Era parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas; de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal e desajeitada.

Nem por tantos negativos da natureza, deixou de achar quem a quisesse. Casou-se mesmo, de palma e capela, que a mãe era lavadeira e caprichava com a filha.

Tempos depois, o marido a largava sem dizer nada, abria pé no mundo e nunca mais deu ligação.

Miquita, nova, sozinha, da beira do rio, onde passara a morar com a mãe, que aquela vida de bater roupa nas pedras não era de gente moça, resvalou para o beco onde abriu a porta.

Sempre de pele sarapintada, corpo andrógino de boneca de pano, sem sal e sem jeito, resvalou ainda mais – que o ofício não dava a ela nem para o aluguel do quarto sujo.

Jogou fora os sapatos cambados. Vestiu uns por cima dos outros, os três vestidos repuxados que possuía. Ajeitou rodinha. Botou pote na cabeça e passou a carregar água, da Carioca para a casa de uns e de outros. Trabalho mal pago, embora sempre lhe dava sobra de almoço e de jantar, canto para dormir e um ou outro cruzeiro para cigarro e pinga – seu maior prazer (Coralina, 2008, p.49).

Ao descrever as dificuldades enfrentadas por Miquita, a autora do conto aborda questões como a desigualdade social, a falta de empatia e o sofrimento enfrentados por pessoas marginalizadas. O texto desperta reflexões sobre as condições socioeconômicas vivenciadas por Miquita, as injustiças sociais, além de provocar discussões sobre solidariedade e meios de vida mais igualitários.

De acordo com Cortázar (1974), um conto pode ser escrito sobre temas corriqueiros da vida e é papel do contista apresentar situações significativas nos momentos simples vivência humana. Dessa forma, o leitor terá uma experiência envolvente que lhe desperta o interesse na leitura, “o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isso que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana” (Cortázar, 1974, p. 154).

Paralelo a isso, o conto, por seu caráter de concisão, exige uma linguagem cuidadosamente escolhida, que resulta em histórias envolventes que inspiram o leitor e despertam sentimentos e emoções até então desconhecidos, além de oferecer respostas para questões existenciais de maneira leve (Calvino, 2010). Por isso, o conto nos ajuda no enfrentamento da vida.

Cortázar (1974) explica que é necessário envolver o leitor desde o início da história, mantendo-o preso à narrativa e desconectando-o do mundo real, mas que, ao terminar sua experiência, ele, o leitor, volte com uma nova perspectiva e que olhe a si e ao mundo de uma forma mais intensificada.

Para que isso aconteça, o conto, muitas vezes, foge das narrativas tradicionais ao explorar temas diversos e, por isso, equilibra realismo e fantasia. Com isso, Bosi postula que

[o] conto cumpre ao seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase um documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem (Bosi, 1978, p. 7).

Considerando essa perspectiva, Bosi destaca a versatilidade do conto, capaz de transitar entre diferentes estilos e perspectivas, conquistando e explorando a diversidade humana e isso é um terreno fértil para a imaginação, visto que cada conto explora vozes e visões diferentes. Sob esse viés, a leitura de contos na escola possibilita ao indivíduo se tornar mais aberto e compreensível à realidade, despertando sua capacidade de se identificar com outra pessoa, de se colocar no lugar do outro, sentindo o que ela sente, vendo o mundo com um olhar de aprendizagem sobre os sentimentos humanos. Isso ocorre porque os autores podem explorar diferentes perspectivas, posto que o texto literário, de acordo com Colomer (2014), é capaz de reconstruir a atividade humana e oferecer ferramentas para sua compreensão, ao criar espaços específicos de construção e negociação dos valores e dos sistemas estéticos de uma cultura.

Portanto, é fundamental valorizar o conto na sala de aula, para que se exerça o direito dos estudantes à Literatura (Candido, 2004). Além disso, o conto, ao explorar diferentes perspectivas, cumpre seu papel humanizador de despertar emoções e possibilitar a compreensão da complexidade da vida humana.

2. 3 O papel do professor na mediação da leitura de contos e no incentivo à formação do leitor literário.

"Os rios não bebem sua própria água;
as árvores não comem seus próprios
frutos. O sol não brilha para si mesmo;
e as flores não espalham sua fragrância
para si. Viver para os outros é uma
regra da natureza.

Papa Francisco

É importante ressaltar que o nascimento e evolução do leitor nem sempre ocorre espontaneamente. É indispensável e necessária a ajuda de um leitor mais experiente para auxiliar o leitor principiante e, ainda assim, criar o hábito da leitura não é um processo fácil, pois requer tempo, esforço e interesse pessoal. Ler, hoje em dia, passou a ser um hábito veloz e superficial devido ao uso da tecnologia, uma vez que a “mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente superpostos — quanto mais rapidamente, melhor” (Carr, 2011, p.17). E essas mudanças, além de afastarem os estudantes do livro literário, podem ter consequências negativas, na forma em que absorvemos informações, como falta de concentração e pouco entendimento.

E nesse contexto o papel da escola é primordial, porque, muitas vezes, ela é o único e mais democrático espaço para a formação leitora. É nesse ambiente que o estudante terá contato com o mundo de leituras literárias e com discussões e reflexões sobre o texto lido.

Dessa forma, a escola entende que a prática da leitura literária é benéfica em sala de aula, uma vez que estudantes que leem têm maiores possibilidades de desenvolver atividades linguísticas, e por terem um contato mais específico com a língua escrita, tornam-se leitores com maior autonomia. Entretanto, o trabalho para desenvolver a formação leitora, em muitos casos, ainda é insuficiente ou não atende à demanda da sala de aula. Há ainda professores não leitores ou para os quais a leitura não é constante em seu dia a dia. Ora, para formação de sujeitos leitores é indispensável que o professor seja de fato um leitor.

Diante disso, percebe-se que a formação leitora exige que o estudante tenha um ambiente propício e que haja modelos de leitores na escola, pois, muitas vezes não há em casa ou no ambiente em que ele vive. Segundo Aguiar (2011, p.110) “[v]iver rodeado de material escrito não garante o nascimento de um leitor, no entanto, e exemplo dos pais, avós, irmãos, amigos, professores e bibliotecários é decisivo para aproximar a pessoa dos livros”. A escola deve, como diz Freire (1997), conectar o aprendizado à realidade e contexto dos alunos, evitando dicotomias entre teoria e prática.

Dessa forma, para uma efetiva formação de leitores em sala de aula, o professor deve conhecer tanto os autores como as obras e, também, desenvolver um trabalho em que transmita seu conhecimento com entusiasmo e clareza, caso contrário teremos, ainda, o que se vê na escola em relação ao trabalho com a Literatura, o estudo da biografia dos autores e dos estilos de época, em detrimento da abordagem principal que é o texto literário. Além disso, o texto literário também tem sido utilizado como pretexto para trabalhar conteúdos gramaticais, sob a justificativa de contribuir para melhorar a escrita dos estudantes, “[a] leitura está, em muitos casos, atrelada ao ensino 'da gramática, pois o texto lido motiva a redação e, segundo os projetos, ajuda a escrever melhor” (Zilberman, 1991, p. 80). Essas práticas não valorizam a formação de leitores, a leitura em sala de aula deve ser uma prática democrática que permita aos estudantes participar e compartilhar suas aprendizagens e expectativas. Assim, o texto literário

[...] ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria-se um espaço específico no qual se constroem e negociam valores e o sistema estético de uma cultura. Esta ideia básica contribui para a nova argumentação sobre a importância da leitura no processo educativo (Colomer, 2014, p. 27).

Nessa perspectiva, compreender a importância da leitura no processo educativo é reconhecer que os textos literários têm o poder de reconfigurar a atividade humana, transformando a forma como agimos e nos ajudando a compreender a realidade. Ao se tornar leitor o estudante tem consciência de que o ato de ler em si não vai modificar a situação do mundo em que vivemos, como diz Harold Bloom (2001), mas fará com que ele questione e busque respostas para lidar com essas questões e, quem sabe, trazer mudanças para seu espaço.

Outro aspecto importante do trabalho da formação leitora na escola é que ainda há uma função educativa da Literatura em sala de aula, ou seja, o texto é utilizado de forma utilitária, como o exemplo citado anteriormente, para trabalhar conteúdos gramaticais e não como um processo para instigar a criatividade e ampliar o repertório cultural dos alunos.

De acordo com Barthes (2004, p.10) a força da representação, corresponde “a segunda força da literatura, é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real”. A literatura, tem poder de representar o real, ela sempre representou algo (Barthes, 2004). Ela, a literatura, tem o poder de conectar o leitor ao mundo real, e isso possibilita reflexões e a capacidade de fazer com que o pensamento se transforme em ação e até mesmo permitir mudanças pessoais. Por meio da leitura, os estudantes ampliam seus conhecimentos e desenvolvem habilidades de compreensão e interpretação. A escola também desempenha um papel fundamental, pois ao criar um ambiente leitor, incentiva a prática leitora de maneira constante. E, nesse processo, a figura do professor na sala de aula como o mediador da leitura, como aquele que coloca o aluno na relação corpo-a-corpo com o texto literário é primordial para que se efetive com eficácia o trabalho com a leitura na escola. Não se desconsidera, por óbvio, que há toda uma gama de outros mediadores que também podem exercer papel igualmente importante para a formação leitora do jovem.

Dessa forma, para que ocorra a formação do jovem leitor literário, é importante incentivar visitas às bibliotecas e criar um espaço acolhedor de trocas de experiências sobre os livros, “é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado por meio da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, das trocas de livros, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor” (Aguiar, 2011, p.110). Assim, é fundamental “ampliar as rotinas de construção compartilhada e da relação entre leitura e escrita nas atividades escolares e de estímulo à leitura” (Colomer 2014, p. 109). Essas práticas são extremamente relevantes para incentivar a leitura e para que o estudante compartilhe suas percepções sobre o que está lendo, que pode ser realizada também por meio da produção textual.

Nessa perspectiva, o leitor literário desempenha um papel fundamental em sua experiência leitora, cabe a ele relacionar o texto com suas expectativas e experiências, dando significado à obra. Por conseguinte, a leitura permite entrar em contato com muitas culturas, épocas históricas além de nos oportunizar conhecer realidades diversas. E nos permite explorar vários temas e textos, oferecendo novas visões e perspectivas de vida. Sob esse viés, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante” (Cândido, 2004, p. 180).

Diante desse cenário, a seleção cuidadosa dos livros de Literatura e a forma como os apresentamos aos estudantes são fundamentais para despertar o interesse e criar um vínculo duradouro com a leitura. Um trabalho voltado para os textos que chamem a atenção do estudante é essencial para despertar o interesse e o envolvimento com a leitura, pois haverá razões que os levarão a escolher obras pertinentes e a desenvolver a vontade de ler. Nesse sentido, é válido enfatizar que “lemos (...) porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida” (Bloom, 2001, p. 20). Os livros têm a capacidade de desenvolver habilidades de leitura crítica, interpretação de textos e pensamento reflexivo. O leitor sai do papel passivo e passa a ser agente juntamente com o autor e o texto, transformando conhecimentos já adquiridos em outros novos, ampliando seu entendimento e compreensão de mundo.

Nesse contexto, Freire (1996) afirma que o saber ensinar é criar as possibilidades para a produção e/ou construção do conhecimento, ou seja, não se resume ao simples ato de transferi-lo. Por conseguinte, o professor, ao apresentar possibilidades para um estudante construir seu próprio conhecimento, permite que ele seja capaz de se tornar autônomo e protagonista de seu aprendizado. A leitura deve ser constante na vida do ser humano, visto que é uma atividade que além de ser prazerosa, torna o leitor construtor de seu próprio conhecimento. Outro aspecto importante é que essa leitura pode ter um papel que muda, que transforma o pensamento, uma vez que os contos também exploram temas como desigualdade, exclusão, e isso permite que o leitor reflita sobre questões atuais na sociedade na qual está inserido.

3.O Lâmpião da Rua do Fogo – O humor

O lâmpião da Rua do Fogo

“E nem sequer aflorei o humor de Cora Coralina. Sua ironia e às vezes sacarmos demolidor.”

Oswaldino Marques

Figura 3 – Cidade de Goiás



Fonte: Débora Cunha Freire – Arquivo pessoal

Ali, naquele velho canto onde a Rua de Joaquim Rodrigues faz um recanteio, morava Seu Maia, casado com Dona Placidina, numa casa de beirais, janelas virgens da profanação das tintas, porta da rua e porta do meio. Portão do quintal, abrindo no velho cais do Rio Vermelho. Isso, há muito tempo, antes da rua passar a 13 de Maio e da casa ser fantasiada de platibanda.

Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da Intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo. Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher.

Esta, acostumada, embora com a sina ruim, como dizia, não poupava a descalçadeira quando recebia o marido naquele fogo, arrastando a língua, de pernas moles, isto quando não virava valente, quebrando pratos e panelas e disposto a lhe chegar a peia.

Dona Placidina era muito prática, nessas e noutras coisas... Ajeitava logo um café amargo, misturado com frutinhas de jurubeba torrada, que o marido engolia careteando e o empurrava para a rede, onde roncava até pela manhã ou se agitava e falava a noite inteira.

— Coitada de Dona Placidina, comentavam as amigas. Seu Maia é um santo homem sem esse diabo da pinga.

E ensinavam remédios, simpatias, responsos, rezas fortes. Simpatia que dera certo em outros casos, era nada para ele. Remédios? Inofensivos como a água do pote. Os próprios santos se faziam desentendidos dos responsos, velas acesas e jaculatórias recitadas.

Dona Placidina, cansada daquele marido incorrigível, acabou botando o coração ao largo, embora achasse, no íntimo, que melhor seria uma boa hora de morte para ela... ou antes, para o marido, esta parte no subconsciente.

Naquele dia, como a dose da boa fosse mais pesada, Seu Maia, que já vinha se ressentindo do fígado com passamentos e vista escura, se achou pior.

Os amigos o trouxeram para casa mais cedo. Tiveram mesmo de o levar para a cama e o meter entre as cobertas. De nada valeu a chazada caseira.

No dia seguinte, chamaram Seu Foggia que diagnosticou empanchamento e doença do coração. Receitou um purgativo e uma poção. Seu Maia piorou. Dona Placidina se desdobrou em cuidados especiais. Esqueceu o defeito do marido, as desavenças, os pratos quebrados e passou a sentir, antecipadamente, os percalços da viuvez.

Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao senhor São Sebastião. Seu Maia morreu.

Os companheiros tomaram conta do morto. Levaram o corpo. Vestiram-lhe o fato preto de sarjão, que tinha sido do casamento. Calçaram meias, ajuntaram-lhe as mãos no peito. Pearam as pernas e passaram um lenção branco, bem apertado, no queixo. Chamaram um canapé, largo de palhinha, para o meio da sala, deitaram o cadáver, cobriram com um lençol. Cuidou-se do pucarinho de água benta, com seu ramo de alecrim. Acenderam-se as quatro velas e, nos pés do morto, botou-se um caco de telha com brasa e grãos de incenso. Era assim que se arrumava defunto em Goiás, antigamente.

Os amigos foram chegando, tomando posição e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. Afinal, à força de chás de arruda, de casca de tomba e de Água Florida de Murray, voltou a si e, como era decidida e de espírito prático, botou de parte o abatimento e passou a cuidar do pessoal que fazia sentinela.

Café com biscoito pelas 10 horas. Mais tarde, mexido de lombo de porco e ovos fritos com farofa, comido na cozinha, e requentão quando a noite esfriou mais e os galos passaram amiudar. Entre a diligência caseira e suspiros puxados, a viúva, de vez em quando, levantava a ponta do lençol que cobria o marido e enxugava umas lágrimas hipotéticas. “Bom marido”, lastimava e, lá consigo, “não fosse a pinga, era a falta que tinha...”

No dia seguinte, veio o caixão com tampa solta, como de costume. Agasalharam ali o defunto. Chegaram mais amigos e mais comadres. Dona Placidina louvava as virtudes conjugais do finado, em crises nervosas de choro seco — sem lágrimas, o choro mais difícil que existe.

A cada visita que chegava, com seu carinhoso abraço e formalíssimos “meus pêsames”; havia uma exaltação no choro ressecado da viúva.

Pelas duas horas, começou a fazer vento de chuva e um trovão surdo se ouviu ao lado da Santa Bárbara. Como o caixão teria mesmo de ser carregado na força dos braços, os amigos resolveram apressar o saimento, antes que o tempo enfarruscado se decidisse em água. Vento da Santa Bárbara é chuva certa no São Miguel. E enterro debaixo de chuva era a coisa mais estragada que podia acontecer em Goiás.

Dona Placidina se debruçou em cima do morto. Não queria deixar sair Seu Maia, coitado... As amigas com chazadas de alecrim. Os amigos tomaram conta das alçadas e ganharam a rua. Entraram na outra, que era Direita, naquele tempo. Passaram a ponte da Lapa, subiram e entraram no Rosário para encomendação do corpo.

Os sinos das igrejas, todas, dobrando a lamentação de finados. Pela intenção do morto, cada amigo mandava dar um sinal nas igrejas, quanto quisesse. Ainda que os sinos tocam como a gente quer, alegres ou soturnos.

Os sineiros sempre tiveram esmero especial para anjinho ou defunto. Essas duas palavras, em Goiás, delimitavam as circunstâncias da idade, sem mais explicações. Anjinho era criança mesma ou moça virgem e, defunto, gente pecadora.

Ia o cortejo subindo e os homens se revezando nas alças, que o morto estava pesado. Com a doença curta, nem tivera tempo de emagrecer. Iam depressa, que a chuva já tinha posto uma carapuça branca no cocuruto do Santa Galo.

Na frente, um popular, afeito àquele préstimo, carregava a tampa que só ia ser colocada na beira da cova. Outros levavam os dois tamboretas, tradicionais, para o descanso do ataúde, quando se trocavam os que iam carregando. Os músicos, de fardão escuro, tocavam um funeral muito triste. Sendo de notar que não havia enterro em Goiás sem acompanhamento de música, somente os muito pobrezinhos. Na rabeira, a molecada da rua. Queriam ver o caixão descer no buraco, se divertiam com aquilo.

Na esquina da Rua do Fogo com a Rua da Abadia, existiu, durante muito tempo, um poste de lampião antigo, saliente, fora de linha, puxando mesmo para o meio da rua. Era um tropeço. Coisa embaraçosa. Não foram poucos os esbarros, cabeçadas, encontrões verificados ali.

Enterros que subiam, já de longe, começavam a torcer à direita para se desviar do lampião, que não tinha outra conseqüência senão atrapalhar. Naquele dia, com a aflição da chuva que vinha perto e com o peso do caixão que era demais, ninguém se lembrou do poste. Foi quando o compadre Mendanha, que ia na alça dianteira pela esquerda, pisou de mau jeito num calhau roliço, falseou o pé, fraquejou a perna e... bumba! Lá se foi o caixão bater com toda força no lampião.

Com a violência do baque, o defunto abriu os olhos, desarrumou as mãos e fez força de levantar o corpo.

A essa hora, o pessoal do enterro tinha se desabalado, em doida carreira pela rua abaixo e largado o morto se soltando da laçada das pernas. O dia inda estava claro, não era hora de assombração. Alguns, mais esclarecidos, resolveram voltar e ver de perto o acontecido.

Encontraram Seu Maia de pé, muito amarelo, escorado no poste, com tremuras pelo corpo e olhando, com desânimo o caixão vazio. Reconheceram, então, que o mesmo estava vivo e que era preciso voltar com ele para casa. Guardaram o caixão inútil na igreja da Abadia e desceram a rua, amparando o ex-morto.

Todas as janelas, agora, com gente assombrada ante aquele caso novo na cidade. A meninada na frente, gritava:

— Evém o defunto...

De dentro das casas, os moradores corriam para as portas e só se ouvia:

— Vem ver, Maricota... vem ver, Joanninha. Óia o defunto que evém voltando...

Amparado pelos amigos, metido naquele sarjão preto, desusado, calçado só de meias, lenço na cara e muito devagarinho vinha Seu Maia de volta.

Um portador foi na frente avisar Dona Placidina, daquela ressurreição e conseqüente retorno, ao que ela só teve expressão sintomática:

— Seja pelo amor de Deus.

Seu Maia chegou afinal, entrou, recebendo um abraço de boas-vindas mais ou menos calorosas da mulher. Bebeu um cordial. Meteu-se na cama e de novo foram chamar Seu Foggia.

Este veio. Examinou, apalpou, auscultou, pediu para ver a língua. Concluiu, com sabedoria, que tinha sido um ataque de catalepsia, muito parecido com a morte, mas que não era morte, não.

A providência tinha sido o lampião do meio da rua, senão teria sido mesmo enterrado vivo.

A cidade comentou o caso por muito tempo. Seu Maia foi entrevistado por todos os sensacionalistas da terra — gente insuportável daquele tempo. Muita língua desocupada levantou a suspeita de que vários fulanos e sicranos daquele tempo tivessem sido enterrados vivos e toda a gente ficou se pelando de catalepsia. Os letrados foram até o Chernoviz e Langard. Conferiram-se diploma no assunto e discorriam de doutor e com muita prosódia, sobre catalepsia ou morte aparente.

Enquanto os comentaristas faziam roda, o doente recuperava a saúde. Dona Placidina, muito prática como sempre, aproveitou o acontecimento para uma pequena homilia doméstica, complicada e cheia de boa dialética feminina, de que “aquilo fora aviso do céu e castigo de Deus...”

E já pelo choque emocional — vá lá que naquele tempo não havia destas coisas não — já pelo medo de novo ataque e de ser mesmo enterrado vivo, o certo é que o homem moderou a bebida.

Dona Placidina, no entanto, já havia, no seu foro íntimo, aceitado a ideia da viuvez e aquela volta inesperada do marido vivo não melhorou de muito os pontos de vista da ex-viúva.

Alguns meses depois, Seu Maia adoecia gravemente. Vieram os amigos da primeira viagem. Apareceram as clássicas e inefáveis comadres. Deram-se os remédios. Da botica e extrabotica. Foi bem purgado e lhe aplicaram ventosas e sinapismos. Nada serviu. Seu Maia morreu.

Seu Foggia então declarou que, por via das dúvidas, só levassem o morto quando começasse a feder. Fez-se de novo o velório com todas as regrinhas de costume. Café com biscoito pelas dez horas.

Viradinho de feijão e linguiça comidos, com voracidade e discrição na cozinha, e quentão forte de canela e gengibre, quando a noite esfriou e os galos amiudaram.

Contaram-se casos. Louvaram as virtudes do finado, num breve necrológio. Passaram a anedotas discretas. Falou-se da carestia da vida, dos erros do governo e se fez a filosofia da morte. A viúva chorou, mais ou menos conformada com aquela segunda via. O compadre Mendanha tomou conta de trocar as velas que iam se consumindo, de regar o pucarinho de água benta com seu raminho de alecrim.

No dia seguinte, quando perceberam que não mais haveria engano, os amigos ajuntaram as alças e levantaram o caixão.

Dona Placidina, muito experiente, despediu-se do morto em soluços alternados. Teimou com as amigas: dessa vez havia de acompanhar, ao menos até a porta.

O compadre Mendanha, muito metódico e apegado aos velhos hábitos de sempre pegar caixão pela alça da frente e da esquerda, tomou posição. Outros pegaram pelos lados, adiante saiu a tampa, carregada por um popular e os tamboretos indispensáveis, renteando o caixão aberto.

Espalhado pelas ruas, o acompanhamento, só de homens. Agrupada com seus instrumentos enlaçados de crepes, a banda do funeral. Arrumado o cortejo, Dona Placidina botou o corpo fora da porta e chamou alto:

— Compadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da Rua do Fogo, viu... Não vá acontecer como da outra vez.

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 63-71.

O conto, “O lampião da rua do fogo”, mesmo com palavras que não fazem parte do vocabulário dos estudantes, traz uma carga de humor que pode atrair a turma na primeira leitura. O texto nos conta a estória de Seu Maia e Dona Placidina, um casal morador da Cidade de Goiás. Seu Maia gostava de beber e nestes períodos se mostrava uma pessoa um tanto valente em casa. A esposa, Dona Placidina, sofria com as atitudes do marido, que bebia bebidas alcoólicas e prejudicava a saúde, mas as tentativas de fazer com que ele mude de postura se mostram inúteis. Entretanto, dona Placidina era uma mulher prática frente a um marido bebedor e sempre cuidava do esposo nesses momentos. Porém, estava cansada e pensava se não seria melhor morrer, ou que seu Maia fosse primeiro.

Até que um dia, o esperado acontece, seu Maia falece e dona Placidina, mesmo abalada com a morte do marido, toma conta de todo o processo para o sepultamento. Naquela época, os caixões eram levados a pé até o cemitério e contava com a ajuda de velhos conhecidos para segurar as alças. No cortejo, um compadre, que ajudava a carregar o ataúde, tropeçou e o caixão bateu no poste do lampião. Seu Maia, que não estava morto, acordou com o impacto – o que

fez com que várias pessoas presentes na cerimônia do enterro saíssem correndo. Ainda abatido com o falso passamento, seu Maia voltou para casa e aos poucos foi se convalescendo, até que um dia adoeceu e morreu realmente. Quando ia sair o cortejo, dona Placidina grita para o compadre, que mais uma vez estava carregando as alças do caixão, para não tropeçar novamente.

A narrativa de Cora Coralina é leve, o que faz com que os estudantes leiam com entusiasmo o texto, visto que desde o início há um tom de humor. A fala de Dona Placidina no final do texto causa um efeito inesperado, já que cria um contraste entre a tristeza e a seriedade da morte com uma comicidade inesperada. A autora aborda temas como a vida cotidiana, as miudezas dos dias, a fragilidade da vida e as ironias do destino, “a vida na cidade é traduzida pela vida nos becos, nos personagens que ali residem e circulam” (Britto; Seda, (2009). E o conto “O lampião da rua do fogo” faz o leitor refletir sobre as complexidades da existência humana, pois apesar do texto ter esse tom de humor, ele pode suscitar discussões sobre o alcoolismo e suas consequências.

A escolha da primeira leitura de Cora Coralina deve ser um elemento que traga conexão entre o texto e o leitor para que esse perceba a riqueza poética e cultural em suas obras. Dessa forma, o -texto deve cativar o leitor, haja vista que o desconhecimento, em muitos casos, da escritora goiana dificilmente oportunizaria um contato com sua obra, mas como diz Ana Maria Machado, “o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro” (Machado, 2002, p.12). Esse primeiro contato entre o leitor e o livro deve ser cativante, resultando na formação de uma memória duradoura, mesmo que sutil, mas que esteja presente ao longo da vida (Machado, 2002).

Textos que trazem como temáticas: alcoolismo, violência, resiliência (no caso de dona Placidina) morte e luto suscitam discussões sobre questões sensíveis presentes na sociedade. Os estudantes não estão desconectados dessa realidade e, por isso, podem se posicionar, evocando memórias e acontecimentos que vivenciaram. O debate pode tratar de questões pessoais com perguntas sobre as personagens, como por exemplo: Como a esposa lidava com as bebedeiras do marido? Ela aceitava? Ou apenas se conformou com o que vivia?

3.1 Sugestão de Atividade

As oficinas devem ser cuidadosamente planejadas para a leitura dos contos de Cora Coralina, buscando atrair, entreter, emocionar e oferecer uma experiência envolvente para a participação de todos. Cada etapa tem como objetivo determinar a maneira mais eficaz de alcançar os objetivos e implementar as estratégias de ensino.

A finalidade da primeira aula é sensibilizar os estudantes sobre a importância da leitura de contos e como ela pode estimular a imaginação. Em seguida, deve-se instigar as diversas interpretações relacionadas às temáticas presentes no conto “O lampião da rua do fogo”: violência, alcoolismo, relacionamento, entre outros.

Neste primeiro momento, a proposta de produção, realizada na escola campo com a turma de 8º ano, foi a elaboração de um final alternativo para o conto e é possível conferir, na sequência, as produções.

Conto: O Lampião da Rua do Fogo

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Identificação dos conhecimentos prévios: Em uma roda de conversa, discutir com os estudantes o gênero a ser estudado e a vida e obra da escritora goiana Cora Coralina.

- Vocês gostam de ler, ouvir ou contar histórias?
- Vocês conhecem Cora Coralina?
- Já leram ou ouviram algum poema ou conto da escritora goiana Cora Coralina?
- Conhecem o gênero textual conto?

Neste momento, apresentar a escritora para os estudantes e o vídeo “Museu Casa de Cora Coralina”. Em seguida, pedir que os aprendizes falem alguns títulos de contos que, possivelmente, leram e também contos ou poemas que conhecem de Cora Coralina. É importante promover uma conversa com os jovens para despertar o interesse e a curiosidade sobre o texto que será lido. Logo após o diálogo inicial, dizer aos discentes que irão ler um texto chamado “O Lampião da Rua do Fogo”, motivando-os a levantarem hipóteses do conteúdo a partir do título antes e durante a leitura.

Leitura: Feita em voz alta pela professora e, em seguida, fazer uma checagem das hipóteses levantadas antes e no decorrer da leitura.

Ampliação dos conhecimentos: Discussão sobre o texto – refletir sobre os diversos aspectos como a linguagem e os recursos utilizada pela autora para emocionar o leitor, a relação entre a história, os personagens e a vida.

Sistematização do conhecimento:

1. Dividir a turma em dois grupos para criarem finais alternativos para a estória
2. Em casa, escrever, individualmente, um final alternativo para o conto.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

PRODUÇÃO TEXTUAL

Final Alternativo para o conto O Lampião da Rua do Fogo – Cora Coralina

Grupo 1 - 06/10/2023

Após o compadre levar o tropeção, seu Maia dá uma sacudida e acorda zozinho, sem saber onde estava e o que havia acontecido. As pessoas ficaram com tanto medo do homem ter ressuscitado que fugiram em disparada, deixando o pobre coitado sozinho. Um vizinho, chegou perto e certificou que ele estava realmente vivo e o levou cambaleando para casa. Dona Placidina quase foi a morta da vez ao se deparar com o marido em carne e osso.

Após tudo se acalmar, seu Maia decidiu mudar os hábitos e se tornar um marido melhor: parou de beber, cuidou da saúde e permaneceu ao lado de sua esposa por muitos e muitos anos.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

PRODUÇÃO TEXTUAL

Final Alternativo para o conto O Lampião da Rua do Fogo – Cora Coralina

Grupo 2 - 06/10/2023

As pessoas da cidade de Goiás já não acreditavam mais que um dia seu Maia passaria desta para melhor. Ele voltou aos antigos hábitos e continuou bebendo nas noitadas, chegando em casa de madrugada e valente como sempre. Mas no dia em que ele morreu de verdade, após a comprovação, a população foi ao enterro fazer as últimas homenagens e dentre as pessoas no velório, uma chamou a atenção: o compadre. Lá estava ele pronto para segurar a alça do caixão. Quando o corpo já estava a caminho do cemitério, dona Placidina chega correndo e diz ao amigo:

- Compadre, muito cuidado para não tropeçar novamente no lampião, pois o coitado já partiu em paz e não precisa de mais um susto. Que ele descanse em paz.

4 As capas do diabo – A escravidão e seus horrores

Aí, Fidêncio gritou:
- Divino Espírito Santo...
O bode deu um estouro e desapareceu.
Cora Coralina

“Que triste essa história! A gente
não sabe a realidade que essas
pessoas viveram.”
N.S. 8º B

Figura 4 – Cruz situada no centro histórico da Cidade de Goiás



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

As capas do diabo

Monsenhor Chiquinho Xavier era goiano. Estudou no antigo Seminário de Ourofino, no tempo do Senhor Dão Cláudio, Bispo de Goiás, de gloriosa memória. Dão Cláudio, depois de muitos anos do seu múnus apostólico, cansado do pastoreio de um rebanho escasso, espalhado por uma diocese encore e desprovada, entregou seu cajado de pastor, recolheu-se à cela humilde de seu convento e ali morreu como pobre e obscuro lazarista.

Monsenhor Chiquinho viveu longamente. Foi vigário de Corumbá durante 50 anos. Fez suas bodas de ouro sacerdotais e foi um padre digno do seu ministério, todo ele devotado à igreja e aos seus paroquianos. O nome do glorioso lazarista nada tem com esta pequena história.

É aqui lembrando pelos benefícios que praticou em Goiás numa era remota, paupérrima e difícil, descobrindo e incentivando vocações, estudando e ordenando jovens goianos pobres que foram padres excelentes.

O nome de Monsenhor Chiquinho nada tem a ver com esta pequena história, entra aqui pela glória do seu apostolado e porque era sobrinho e afilhado da Senhora Dona Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda, fazendeira das maiores que vivia nos seus feudos roceiros, entre Capelinha e Nazaré, nos fundos de Anicuns, por volta de 1865.

Tinha essa senhora, Dona Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda, terras e gado, pastos e canaviais. Escravos e cambembes trabalhavam nos seus eitos, lavravam suas roças. Comiam da sua paçoca e viviam do seu pirão. Recebiam suas pagas, certas, regradas, isso os cambembes e agregados. Já aos escravos, eram dadas, duas vezes por ano, mudas de camisa de baeta vermelha e sungas grossas de tear.

Por graça e regra da nobre senhora, eram-lhes separadas nesgas de roçado, onde plantavam mandiocas e batatas doces. Domingos e dias santos eram relevados. Depois de ouvida a missa na capela, eram livres. Podiam andar nos matos, caçar com seus mundéus, pescar nos corgos e alagados; e de noite, acender fogueira e fazer seus quibungos no terreiro e, ao som dos maracás e dos atabaques, dançar.

Dona Manoela era pontual, metódica, cuidadosa e boa. Guardava os preceitos e tinha caridade.

Um escravo de confiança, de nome Fidêncio, era feitor do terreiro da fazenda e uma escrava de nome Roxa, mulher desse mesmo feitor, era encarregada de reger a casa e feitorizar o serviço caseiro das escravas. Essas faziam de tudo. Da mangueira ao coalho, da farinha às gomas diversas, dos tachos de refinar aos pesados pilões, onde se socava de três, conjugadamente. Na cozinha enorme, não faltava fogo na fornalha, nem panela cozinhando.

O forno ali estava, sempre provido de lenha para assados, merengues, roscas e biscoitos e mulheres para tudo isso.

Da copa para dentro, nos estrados de costura e nas esteiras, eram as mucamas novas e novatas aprendendo e executando serviço fino, compenetradas e atentas, silenciosas, de agulha e dedal, cada hora se movendo para lavar as mãos para não enxovalhar a costura. Eram bordados e crivados, tudo no linho, caprichado, esmerado, perfeito. Vinham peças de bramante da Corte, dentro de grandes caixas envidraçadas. Enormes meadas de linha sedosa, branca e em cores delicadas, eram componentes inseparáveis. Linho diversos, telas finíssimas, outras de larguras inéditas, destinadas aos lençóis, às fronhas e às toalhas. Tudo o bragal da casa, vasta e aparatosa, era trabalhado com perfeição. Toalhas e fronhas tinham coplas bordadas, temas amistosos, versificados.

Dona Manoela tinha mandado pedir ao seu correspondente da Corte que lhe mandasse uma peça da mais fina Holanda que ali fosse encontrada.

Meses depois chegava o pedido. Coisa fina de ver. Dona Manoela mandou cortar, daquele cabedal, uma vasta camisa e duas saias brancas de baixo. Encaminhou aqueles cortes para o estrado com recomendações de maior cuidado e perfeição. Tempos depois, terminados os trabalhos, em costuras, cheios, abertos, barafundas, perfeitamente acabados, Dona Manoela louvou aquele trabalho em curtas falas e mandou que a escrava guardasse tudo, como estava, no escaninho de segredo da grande arca, do canto da sua alcova. Ali aquelas peças deviam permanecer à mão. Eram elas para seu corpo, depois de morta.

Faziam parte de sua mortalha de adamascado de seda roxa que há tempos mandara costurar e que lá estava dobrada, dentro de uma toalha de linho com pedras de cânfora. Que ninguém mexesse naquilo até o dia da sua morte. Foi a palavra final.

Era festa do Senhor Divino Espírito Santo em Anicuns. Festa de pompa e arromba, de imperador, capitão do mastro e alferes da bandeira, cabendo sempre tais honras a gente de prol e recursada do lugar. Festas, novenas, procissão, fogueiras, lanternas e luminárias, levantamentos de mastro, folias, congadas, danças, corridas e fogos.

Gente de toda parte corria para Anicuns a pagar suas promessas, cumprir com os preceitos, batizar os seus pagãos, acertar situações íntimas, crismar seus meninos. Outros iam só festar, não poucos comprar e vender. Pela volta da igreja, barracas trançadas de palma e de ramos. Tudo era colorido e alegre.

Meses antes, ninguém fazia mais negócios. Pagamentos, tratos, cobranças, recebimentos, tudo era adiando para “depois da festa”. Moradores das mais desconhecidas bibocas deixavam seus ranchos, seus sítios e taperas e vinham na caminhada em demanda de Anicuns. A grande romaria veredava, cortando rumos onde houvesse água. Famílias se agrupavam, velhos conhecidos se encontravam.

Uma multidão mesclada, suja, empoeirada, homens, mulheres e crianças. Velhos capengando, cegos. Fazendeiros passavam em cavalgada, mulheres, fazendeiras, montadas em ricos silhões de veludo ou camurça, moças e moços tomavam à frente, joviais, levantando poeira, merendando, comendo suas matulas pelo caminho.

Passavam antigos banguês de gente idosa, carregadas por escravos. Muitos vinham de longe, sobrecarregados de tanto peso. Traziam doentes em rede, outros arrastavam seus paralíticos em couro de boi. Vinham todos no mesmo sacrifício coletivo, trazer suas ofertas, pedir o milagre da cura, a esperança de melhoras.

Dona Manoela não se sentiu com ânimo de viajar, nem mesmo no seu grande banguê costumeiro, tirado nos ombros de seus escravos. Deixava-se ficar na fazenda com sua água de flor de laranjeira e sua melissa costumeira. Mandou que pela santa devoção, fossem os escravos, ficando alguns poucos no serviço do terreiro e dos currais.

Que o feitor levasse cargas de açúcar, farinha e carne-seca, e vendesse como todos faziam. Tomasse tento nos escravos, aquele que bebesse de cair e fizesse desordem, lá mesmo fosse vendido para gente de longe.

E que Roxa não perdesse de vista as mucamas, moças novas e asseadas; não deviam faltar à missa e todas fossem ouvidas em confissão.

Roxa, ainda aquelas costuras no estrado e ela tentada. Uma turvação na ideia, um pensamento refalsado não se despregava dela, dormindo com ela, acordando com ela. Apalpava, cheirava aquelas prendas. Vestia-se com as brancuras daqueles panos, de noite, acordada, sonhando. Um grande medo de ser vendida e o desejo tentador. Sabia do castigo se fosse apanhada... Ali não era o tronco nem o relho, nem a palmatória. Era a venda para bem longe, para outro dono.

Roxa, escrava de dentro, entrava e saía em todos os quartos. Sorrateira, entrou na grande alcova, abriu a arca pesada, virou o fecho do escaninho, retirou as peças e levou consigo. Saiu disfarçando. Enfiou no quintugo onde levava suas mudas de festa. Tomara a bênção da Sinhá.

Os cargueiros saíam na frente, os escravos tangendo e as escravas no coice da mula. Na vila tudo estava trancado, mas o pedaço do largo que competia à Senhora Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda estava lá, reservado para sua gente. Fidêncio bateu a barraca de pano grosso, no claro do largo, do lado da sombra. Desceu a carga e abriu as bruacas de mantimentos e tratou de vender o que trazia da fazenda.

Dentro da barraca do feitor, igualada com o travessão, era esticado um cordãozinho de regra, onde as mulheres dependuravam as roupas de trocar. Roxa abriu o quintugo, retirou e estendeu com cuidado a camisa e a vasta saia bordada, franzida em tufos engomados, e que era para vestir a senhora Dona Manoela depois de morta.

Roxa ia vestir aquelas peças depois da novena e nos quibundos do largo, sapatear no jongo, cantando toadas africanas, erguendo a saia de cima e mostrando a saia de baixo, maravilhosa. Nenhuma ali estaria como ela, nem as brancas mais ricas...

No final da novena, vieram os fogos, cruzando e recruzando por cima das barracas. Pipocavam, rebentavam, estouravam lágrimas de cores. Buscapés escorraçavam o povo para os lados; as mulheres, homens e meninos corriam às doidas. Ardiam grandes fogueiras.

Pois não é que nesse estourar e repinicar de fogos, vem mesmo um foguetão com o capeta sentado em cima, sobe, desce, cresce, risca e acende, no mesmo lado da barraca onde estava a Roxa e vai estourar em cima do cordão?

Abre um rombo no pano e pega fogo nos linhos de Dona Manoela.

Acode...Acode...apaga...apaga...não foi nada, não foi mesmo quase nada. A barraca nem saiu do lugar e o rombo se consertava, só que as duas peças de linho de Dona Manoela estavam encarvoadas e requeimadas, salpicadas de furos negros. Roxa se desesperou de voltar, arrancava os cabelos, torcia os braços, meio louca, entrouxando a roupa. O parceiro sem entender, as mulheres ressentidas, nem tinham começado a festar.

Mal conseguiram que ela se acomodasse, passasse a noite ali, e saíssem de madrugada. Fidêncio entrou a barraca para outro escravo afiançado. Acompanhou a mulher, sem atinar com a razão daquilo, desconfiado, estranhando a companheira.

Dona Manoela se espantou quando viu o feitor, a mulher e as mucamas de volta. Perguntou. Fidêncio contou o caso do foguetão que estourou em cima da barraca, abrindo o rombo.

Pareceu a Dona Manoela que só aquilo não seria motivo de volta. Não disse nada. Saberia depois...

Enquanto Fidêncio dava conta do sucedido, Roxa entrava e saía pelos quartos, um espanto nos olhos espasmódicos, tremuras pelo corpo e jeito alocado. Deu uma volta e entrou no quarto dos arreios, tirou um chiqueirador de couro de anta. Com o rabo do olho, Fidêncio acompanhava os passos da mulher. Viu que ela procurava pelo portão e sumia-se pelo quintal.

Bateu atrás. Viu a companheira subir num grosso cajueiro. Escureceu-lhe a vista ao tempo que saía na frente um bode todo preto e Roxa falava:

- O que tem que ser feito, que se faça já... O que tem de ser feito, que se faça já...

E ia rodeando, investindo, as patas levantadas. E Roxa:

- O que tem que ser feito, que se faça já... que se faça já...

Aí, Fidêncio gritou:

- Divino Espírito Santo...

O bode deu um estouro e desapareceu.

Fidêncio correu para o cajueiro. A mulher, já morta, balançava com a ponta do chiqueirador com a língua de fora. Fonte: CORALINA, Cora. **O tesouro da casa velha**. São Paulo: Global, 2002. p. 61-69.

O conto “As capas do diabo” aborda de maneira sensível, porém impactante, os horrores da escravidão, apresentados de uma forma comovente e que desperta no leitor um misto de tristeza e revolta ao saber a estória de nossos antepassados. Cora Coralina traz à luz, nesta narrativa, a estória da escravizada Roxa, uma mulher que servia na casa de uma senhora por nome Dona Manoela. Roxa desfrutava de certa confiança da patroa e, por isso, tinha acesso a todos os cômodos e ajudou a fazer a mortalha de sua senhora. A roupa era feita de um tecido fino, vindo de longe, os olhos da escravizada brilharam de vontade de possuir aquela peça de roupa, “[v]estia-se com as brancuras daqueles panos, de noite, acordada, sonhando. Um grande medo de ser vendida e o desejo tentador. Sabia do castigo se fosse apanhada... Ali não era o tronco nem o relho, nem a palmatória. Era a venda para bem longe, para outro dono (Coralina, 2002, p. 66).

Apesar de dona Manoela ser “um tanto caridosa” não permitia que seus escravizados abusassem de sua boa vontade e punia com o rigor da venda aqueles que estavam sob seu domínio. E esse era o medo de Roxa, de ser vendida. Um dia, em uma festa numa cidade vizinha, os escravizados foram enviados para a venda da produção da fazenda e Roxa,

aproveitando a oportunidade, pegou uma peça da mortalha de dona Manoela para usar, mas tinha o intuito de devolver intacta. Ironia do destino e azar da escravizada, alguém soltou um buscapé que, ao rodopiar, entrou na barraca onde estava a peça e a destruiu completamente. No desespero, com medo da pena que iria receber, Roxa suicida.

No conto “As capas do diabo” Cora Coralina mostra as condições desumanas que os escravizados viviam, além de evidenciar as pressões psicológicas e emocionais às quais estavam submetidos. Roxa representa a realidade vivida por milhares de pessoas e a complexidade das relações de poder e a submissão constantes no período escravagista. Aos poucos o texto vai mostrando a personalidade de dona Manoela e sua relação com os escravizados, o que criava um certo pânico, uma vez que o castigo maior era serem vendidos e separados de seus entes.

A leitura e as discussões a serem realizadas em sala de aula devem abordar as injustiças sofridas pelos escravizados e as marcas deixadas pela escravidão. A leitura provoca, nos estudantes, sentimentos de indignação e revolta, levando-os a ter empatia pela personagem e também desperta uma discussão crítica sobre os direitos humanos violados e as atrocidades cometidas no passado.

É importante ressaltar que, antes da leitura, a roda de conversa sobre o texto desperta o interesse e a curiosidade. A discussão após a leitura visa promover a reflexão e a compreensão mais profunda sobre o que foi lido. Assim, é possível que os estudantes expressem suas opiniões, troquem ideias e discutam sobre a natureza humana e os dilemas que permeiam a vida.

Nos encontros realizados na escola, durante a realização da pesquisa - ação, os estudantes teceram comentários como os transcritos abaixo:

O conto é muito triste e eu não esperava que terminasse assim. Como era difícil a vida dos escravizados. V. D. (8ºB)

A escrava Roxa tinha muito medo do que podia acontecer se a sua dona descobrisse que ela tinha usado a roupa. É triste ver a realidade deles. B. D. (8ºB)

Engraçado que hoje ainda a gente vê que os negros sofrem muito por ser quem são. M. O. (8ºB).

A história mexeu muito comigo, pois sou negra e meus antepassados viveram assim. Dói saber que isso aconteceu de verdade e que ainda sofremos por causa da escravidão. Não era justo as pessoas serem tratadas dessa forma, todos somos seres humanos e não deveria haver coisas assim. A. (8º B)

Ainda tem gente que tem em suas fazendas pessoas vivendo como no tempo da escravidão. E não é pouca gente não e se for investigar isso de verdade, vai ter coisa demais escondida. N. S. (8º B)

Nesse sentido, vale ressaltar que as obras de ficção constituem a criação de novos universos, introduzindo-nos a diferentes tempos e espaços para além da nossa realidade cotidiana (Andruetto, 2017). Dessa forma, é o potencial transformador da Literatura que abre novas perspectivas, promovendo empatia e mostrando como a leitura pode influenciar positivamente a forma como percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Identificação dos conhecimentos Prévios: Em uma roda de conversa, apresentar o título do conto para os estudantes e pedir que levantem hipóteses.

Leitura: Em voz alta por um aluno

Ampliação dos conhecimentos: Com os estudantes em círculo, realizar uma discussão coletiva, partindo de questionamentos sobre o texto:

- O que vocês sentiram ao ler a estória?
- Vocês acham que o fato ocorreu realmente ou foi uma invenção de Cora Coralina?
- O que a escrava Roxa deve ter sentido ao ver a roupa queimada?
- Por que ela tomou uma atitude desesperada no final da estória?
- Vocês acham que a escravidão ainda está presente nos dias de hoje? Como é a escravidão hoje?
- Vocês já ouviram alguma informação relacionada a esse fato? Qual sua opinião sobre isso?

Sistematização do conhecimento: Roda de conversa

Discussão sobre o texto – refletir sobre os diversos aspectos como a linguagem e os recursos utilizados pela autora para emocionar o leitor, a relação entre a história, os personagens e a vida

Escrita de comentários sobre o texto e leitura em sala de aula.

5. A procissão das almas – a rede social do início do século XX

“O que dona Minguta fazia antigamente é a mesma coisa que fazemos hoje com as redes sociais: bisbilhotar a vida das outras pessoas.”

I. A. (8º B)

Figura 5 – Centro histórico da Cidade de Goiás



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

A procissão das almas

Antigamente, as boas casas de Goiás tinham janelas de rótulas, como tiveram todas as cidades coloniais deste imenso Brasil.

Em Goiás, elas sobreviveram por mais de dois séculos. Sobrevivem ainda em velhos costumes domésticos, que vão se diluindo através de gerações, ao tempo que as rótulas se modificam, sem desaparecer de todo.

Nestes últimos tempos, têm sido substituídas por venezianas abrindo-se para dentro. Sim, que as rótulas se abriam para fora, em Goiás e em toda parte. Mesmo desusadas e substituídas, ainda restam algumas em casas não reformadas; noutras foram simplesmente pregadas, enquanto que as restantes continuam se abrindo para o lado da rua.

Foi muito variado no Brasil a esquadria das rótulas. Nem sabemos bem se elas vieram de Portugal ou da Espanha; se eram autenticamente lusas ou mouriscas. Foram elas o documentário mais expressivo da segregação da mulher dentro da casa senhorial.

As de Goiás eram chamadas rótulas de tabuletas, de tabuinhas, de colocação horizontal, grampeadas num pino vertical móvel, com trincos e tramelinhas laterais, para abrir e fechar à vontade.

As paredes onde se encaixavam essas janelas eram de notável espessura como inda se vê em tantas casas. Comportavam, internamente, dos lados, assentos lisos ou com almofadas, onde as mulheres mais comodamente pudessem estar à rótula.

Movendo trincos, pinos e tramelinhas era que a gente da casa via o pequeno mundo da cidade e tomava conhecimento de seus moradores.

No meu tempo de menina pouco se usava a palavra rótula, só as pessoas mais antigas. Dizíamos “tabuleta” – estar na tabuleta já sabia estar alguém por dentro, olhando sem ser vista, hábito esse que perdurou em Goiás até o começo deste século.

Pela tabuleta riçada e graduada, a pessoa, sem se mostrar, via a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de um certo ângulo, observavam os acontecimentos, as passadas de uns tantos vizinhos e, sobretudo, fiscalizava a vida alheia, que sempre nos pareceu mais interessante do que a nossa própria vida. Nesse observatório de tabuletas, sempre permaneciam, sistematicamente, criaturas curiosas e fuxiqueiras dos velhos tempos, com seu espírito aguçado de intrigas e malícias.

A observação mais fina e valiosa era da noite, alta noite, com a cidade escura ou enluarada e adormecida. Viam e diziam coisas de arrepiar.

Minha bisavó, entre outras, contava a estória da procissão das almas, que ela ouviu da própria mesma, com quem o caso se deu e que era pessoa do seu conhecimento. O fato, com todos os menores ouvidos de minha bisavó, inclusive o nome da pessoa, foi aqui passado com Dona Minguta Reginata de Assis Regente, mais conhecida por Dona Minguta e que morava na Rua da Abadia.

À noite era para ficar na rótula, com a casa fechada e às escuras e ela, ali, invisível no seu observatório doméstico, assuntando algum vizinho que entrasse tarde, mulher casada que abrisse a porta, moça donzela que pusesse a cabeça de fora ou mesmo vulto embuçado que, passando, enfiasse bilhetezinho pelas tabuletas ou anônimos debaixo das portas.

Era uma vitória e uma sensação de prazer catalogar qualquer um desses passos.

Cada rua tinha sua observadora devotada à tarefa, tecendo sua teia laboriosa de conclusões e que, fora da rótula, era moralista feroz e impiedosa com os pecados do próximo, vizinho ou não.

Se não havia reuniões e clube, era que o tempo não ajudava, mas o grupo era conhecido, ligado e com fervoroso espírito de classe.

Trocavam-se informes desta para aquela rua, dava-se ampliação e relevo a pequenos incidentes, e a vida noturna da cidade era depurada num filtro minucioso de alto rigor, controlado pelas tais.

As tabuletas também tinham seus préstimos inegáveis. Era assim que, muito antes de o fato se dar e do caso acontecer, a cidade já murmurava por antecipação. Muitas vezes até advertências anônimas se fizeram, na base dessa fiscalização maliciosa.

Dona Minguta era certa na tabuleta da noite, e o dia era para as conclusões maledicentes do que anotara nas horas mortas.

Numa sexta-feira da Quaresma, estava ela no seu posto de vista e de escuta. Pouco tinha aproveitado até aquela hora, meia-noite já passada.

Num magote de negros, de sunga e camisa de baeta, ela reconheceu os escravos do Brigadeiro Felipe Antônio Cardoso, que costumavam pular o muro dos senhores e corriam para um batuque que zoava do lado da Rua do Fogo.

Passaram dois embuçados que ela mal reconheceu.

Passou uma cadela uivando e ela fez o sinal-da-cruz, depois uma porca com sua ninhada e um bode bodejando atrás das cabras.

Passaram mais umas machorras de merinaques e basquinas e nomes do homem na boca e que também procuram a zona do banguê.

Pela uma hora, mais ou menos, ela percebeu uns vultos que vinham vindo do Largo do Rosário com uma luzinhas apaga-não-apaga...

Era uma procissão de Penitência, das muitas que se faziam naquele tempo. A Irmandade da Misericórdia, grupo de pessoas ou famílias se reuniam, encabeçavam com outras e, cumprindo professa feita de difícil graça alcançada, sufrágio de morto deprecante ou mesmo caridade para com algum encarcerado indicado para a força, organizavam-se uma promessa daquelas, ditas de Penitência.

Saíam do adro de uma igreja ou de um paço de rua. Levavam na frente um cruzeiro pesado, alguns oratórios de casa, paus enormes, pedras, pote d'água na cabeça.

Todos descalços, não poucos rasgados, iam rezando penitentes, num lamento lúgubre e angustioso, até se dissolverem na porta da igreja. Quando o caso era sufrágio de alma penada, então subiam mesmo até o portão do cemitério, continuando a reza, num soturno murmúrio de réquiem.

Era uma procissão dessas que vinha vindo. Homens e mulheres de mantéus, embiocados, à moda do tempo. Dona Minguta riçou bem a tabuleta para ver melhor e não reconheceu ninguém. Foi então que uma embuçada parou na frente da janela, enfiou uma vela pela fresta e segredou: guarda isso para mim até sexta-feira que vem...

Dona Minguta sentiu o frio da mão que lhe entregou a vela. Meio ressabiada nem quis ver o resto da procissão. Tramelou a rótula, fechou os tampos de dentro, meteu a vela na gaveta e foi pra cama.

No dia seguinte, contou das observações da noite.

O principal tinha sido a procissão de Penitência e que uma pessoa, decerto sua conhecida, tinha lhe dado uma vela para guardar até a outra sexta-feira. Acrescentou que não reconheceu ninguém e foi rever a vela para documentar o caso.

Abriu a gaveta e recuou apavorada. O que estava ali dentro era um osso, branco e liso, canela de defunto.

Outros escritores, tratando dessa mesma estória, ficam por aqui. Acontece que esta de Goiás, com foros de realidade e que ouvi de minha bisavó, tem por direito de contado, seu finalzinho, dentro da lógica dos acontecimentos. Quem deu a vela a guardar disse: até sexta-feira que vem... Sinal, portanto, que voltaria para procurar.

Dona Minguta, refeita do assombro, oi se ter com o vigário, que era o Cônego Vicente José Vieira. Contou do acontecido. Fez mesmo uma boa confissão e se acusou do seu gostinho salgado de vigiar a rua da greta da janela e retalhar na pele do próximo.

O Cônego, pensativo, ouviu o contado. Fez ver a ela o castigo de sua bisbilhotice que aquele acontecimento representava. Deu-lhe sábios conselhos e boa penitência. Disse a ela que se pusesse na janela no dia e hora aprazada, mas que tivesse consigo duas velas acesas e um vidrinho de água benta. Que não tivesse medo e entregasse o objeto recebido a quem o procurasse, juntamente com uma das velas.

Aquela semana toda, dona Minguta passou no oratório, em novenas e rosários, sem contar jejuns e penitências duras.

Tremendo e com o coração aos pulos. Dona Minguta se pôs na janela na noite e hora de sexta-feira. Pela uma hora, mais ou menos, percebeu que vinha vindo procissão. Riçou a tabuleta, acendeu as velas, rezou sua jaculatória e esperou. A procissão de embiocados vagarosamente vinha vindo, vinha subindo a rua com seu soturno murmúrio de réquiem. Passava agora por sua casa.

Uma pessoa, embuçada de preto, parou na frente da janela e estendeu a mão. Ela entregou a vela acesas, junto com o que tinha recebido, e chacoalhou o vidro de água benta.

Aí, o vulto se destacou, cresceu, encostou a cara na rótula. O bioco se abriu e ela viu que era uma caveira e falou para ela ouvir na fala das caveiras:

- É o que te vale...

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 21-27.

Muitos alunos se identificaram com a personagem dona Minguta do conto “A procissão das almas”, uma mulher que ficava observando, pelas frestas da janela, a vida dos vizinhos e suas ações. Esse reconhecimento se deu devido à curiosidade e a busca por aventuras naturais de estudantes do ensino fundamental II, pois a fase da adolescência é caracterizada por um desejo de descoberta e exploração, o que hoje é facilitado pelas redes sociais. Dona Minguta seria chamada, nos dias de hoje, por *stalker*, um termo em inglês que diz respeito a uma pessoa que persegue e vigia a vida alheia. Na época do conto, essa pessoa era aquela que pela janela, às escondidas

via a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de um certo ângulo, observavam os acontecimentos, as passadas de uns tantos vizinhos e, sobretudo, fiscalizava a vida alheia, que sempre nos pareceu mais interessante do que a nossa própria vida. Nesse observatório de tabuletas, sempre permaneciam, sistematicamente, criaturas curiosas e fuxiqueiras dos velhos tempos, com seu espírito aguçado de intrigas e malícias (Coralina, 2008, p.22).

Para os estudantes esse comportamento ainda está presente na sociedade atual e uma aluna disse que essa era as redes sociais da época do conto e que hoje as pessoas agem da mesma forma que antigamente, protegidas pelo anonimato, não mais das janelas, mas da tecnologia.

Os alunos do 8º ano foram solicitados a lembrar-se de alguns títulos de histórias semelhantes àquela que foi lida e eles se recordaram de “causos” e lendas e à medida que os mencionavam, o professor da turma os anotava no quadro. A professora pesquisadora reservou alguns minutos, no final da aula, para os estudantes comentarem suas impressões, sentimentos e conclusões em relação à histórias.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Identificação dos conhecimentos Prévios: Em uma roda de conversa, apresentar o título do conto para os estudantes e pedir que levantem hipóteses antes e durante a leitura.

Leitura: Em voz alta feita pela professora.

Ampliação dos conhecimentos: Com os estudantes em círculo, realizar uma discussão coletiva, partindo de questionamentos sobre o texto e confirmação ou não das hipóteses levantadas antes e durante a leitura.

Sistematização do conhecimento:

Levantamento de histórias semelhantes, recordando causos ou lendas com a temática parecida.

6. Campos Sales – O velho guerreiro

Figura 6 – Igreja matriz Nossa Senhora do Rosário – Cidade de Goiás



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

Campos Sales

Quem da gente mais antiga da Jabuticabal inda se lembra de Campos Sales?... Campos Sales, eu o conheci. Nós, gente da linda cidade de Pinto Ferreira, Terra das Jabuticabas, Cidade das Rosas, velho Patrimônio Foreiro, antiga fábrica de Nossa Senhora do Carmo de Jabuticabal, cidade dos meus filhos, nós o conhecemos pelas ruas. Durante o dia, lavando casas de famílias; de noite, às 10h, lavando os bares do comércio.

Escuro, pequeno, vivo e alegre, trabalhador, dobrado em dois. Sempre encontrado com seus baldes e escovas. Calça arregaçada, camisa arremangada. Muito certo e exato par aquele serviço obscuro e ativo que alguém devia fazer, num tempo em que ainda ninguém encerava casa.

Campos Sales tinha sido escravo da família Campos Sales – contava. Ganhou sua liberdade, sua alforria de negro cativo, vestindo farda de soldado brasileiro e pelejando, com valentia, nos esteros do Paraguai. Mostrava suas velhas cicatrizes. Pontações de lanças inimigas.

Perdeu ali seu prumo vertical. Passou a andar dobrado e contava que muitos companheiros ficaram deficientes como ele.

Era da companhia do Alferes Tibúrcio – bravo entre os engenheiros – e do comandante...”era engenheiro de cabeça”. Viu morrer muito soldado...Apertava os olhos, refrangia e entortava a boca, careteando no horror das lembranças.

Quando acabou a guerra, estava forro, sozinho e largado no mundo. Trabalhou para patrões, daqui, dacolá. Nunca arranjou nada. Agora, era aquele serviço até o fim.

Tinha chegado em Jabuticabal a família de Domingos Rede. Vinham de Bebedouros. Ele, renomado perito contador, e ela, Dona Clarinda, professora de grupo escolar, transferida para o “Coronel Juca-Vaz”. Vieram juntos com a mudança. Alugaram casa no fim da Rua São Sebastião, vizinho da família Cassimiro Prates.

Campos Sales foi chamado para a limpeza. Lavou, esfregou, vasculhou, fez serviço bem feito. Recebeu sua paga – 5\$000. A professora, muito boa, deu mais a ele e uma calça velha do marido. Campos Sales recebeu, agradeceu com o “Deus lhe pague” dos humildes e foi-se embora para voltar de novo quando fosse chamado, fazer freguesia de lavação.

Dona Clarinda arrumou a casa. Botou os trens nos lugares, roupas nos armários, nas gavetas da cômoda, do camiseiro.

Enquanto arrumava também procurava por um dinheiro que tinha trazido para despesas urgentes. Não houve jeito de encontrar.

Na afobação da mudança esqueceu completamente onde havia guardado. Virou e revirou caixas e caixinhas, bolsas, bolsos, sacudiu roupas, desdobrou peças. Perdeu o dinheiro, concluiu e por perdido ficou. Aceitou o prejuízo, procurou não mais pensar no caso.

Dias depois batem à porta. Empregada atende. Era o velho Campos Sales. Queria falar com a patroa. A empregada volta:

- Dona Clarinda mandou falar que a casa inda está limpa, que depois, quando precisar, ela manda recado.

O velho lavrador insiste. A professora vem atender.

-Óia, Dona, diz ele, vim aqui pro via da carça que vancê me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no borso e achei dentro esse manajo de dinheiro que decerto vancê ou seu marido guardou e se esqueceu...

Eram os três contos de réis, perdidos e procurados, que o velho soldado de Tibúrcio vinha trazer, restituir.

Quando veio a reparação do esquecimento e a pátria lembrou dos sobreviventes, o velho guerreiro tinha dado sua baixa da vida e de nada mais precisava. Fazia tempo que seu magro corpo dobrado, descansava numa cova humilde no cemitério da linda cidade.

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 17-19.

Campos Sales é o “trapo humano”, ou seja, aquele que é invisível na sociedade, o excluído, ele era um ex-escravizado, com o corpo corroído pelo tempo, pelas dores, era corcunda e vivia de trabalhos como limpar casas e bares. Campos Sales é um homem humilde, honesto e íntegro, que mesmo passando por condições e experiências de vida difíceis manteve sua dignidade. É importante explorar o reconhecimento desses personagens que vivem em nosso meio ainda nos dias atuais. Os estudantes podem estabelecer uma ligação entre a leitura e suas próprias vivências, com o mundo que os circunda, realizando uma compreensão da obra, a partir da contextualização do conteúdo, identificando-se ou reconhecendo os personagens. E isso traz uma reflexão sobre questões pessoais e sociais, estimulando o pensamento crítico sobre temas importantes que ainda são presentes na atualidade.

Outro aspecto importante na obra da escritora goiana é a variação linguística presente em seus textos e, por isso, é necessário chamar a atenção dos estudantes para palavras e expressões que marcam a cultura da época e do lugar como por exemplo: “ - Óia, Dona, diz ele, vim aqui pro via da carça que vancê me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no borso e achei dentro esse manojó de dinheiro que decerto vancê ou seu marido guardou e se esqueceu...” (Coralina, 2008, p. 19).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Identificação dos conhecimentos Prévios: Em uma roda de conversa, apresentar o título do conto para os estudantes e pedir que levantem hipóteses antes e durante a leitura.

Leitura: Realizada por um estudante.

Ampliação dos conhecimentos: Em seguida, a turma foi dividida em pequenos grupos para a releitura do conto e verificação das hipóteses levantadas durante a antecipação. Neste momento, é importante orientar os estudantes para fazerem inferências das informações que não estão implícitas no texto, checarem os fatos durante a leitura, identificarem os elementos do conto e os recursos que a escritora usou para emocionar o leitor.

Sistematização do conhecimento:

Socialização das conclusões dos grupos, mostrando as percepções críticas e atribuindo sentido ao que foi lido.

7. Oração do Milho e A Lavadeira – A fé e a força

Oração do Milho

Senhor, nada valho.
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
 lavouras pobres.
 Meu grão, perdido por acaso,
 nasce e cresce na terra descuidada.
 Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
 mesmo planta de acaso, solitária,
 dou espigas e devolvo em muitos grãos
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.
 Sou a planta primária da lavoura.
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
 e de mim não se faz o pão alvo universal.
 O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem
 lugar me foi dado nos altares.
 Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
 trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
 alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
 coroados de rosas e de espigas,
 quando os hebreus iam em longas caravanas
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
 e Jesus abençoava os trigais maduros,
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão
 do eito.
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
 Sou a farinha econômica do proletário.
 Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a
 vida em terra estranha.
 Alimento de porcos e do triste mu de carga.
 O que me planta não levanta comércio, nem vantagem
 dinheiro.
 Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.
 Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.
 Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que
 amanhece.
 Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.
 Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
 que me fizestes necessário e humilde.
 Sou o milho.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global – 14ª edição. 1987. p. 39.

O poema “Oração do Milho” aborda sobre a humildade e a importância de não ser considerado nobre ou valorizado. Há uma clara relação do poema com os relegados, os invisíveis e que todos têm seu lugar, sua importância, independentemente de sua posição social. O milho, apesar da sua humildade, é essencial para a subsistência daqueles que dependem dele. Por meio do uso de metáforas, a autora mostra a relevância do alimento, contrastando com a grandiosidade de outros alimentos que possuem lugar de destaque.

Já o poema “A Lavadeira” mostra de uma forma sensível a lavadeira, viúva, com as mãos machucadas, que cuida de seus 12 filhos com o suor do seu trabalho. Essa mulher, que muitas vezes é esquecida e marginalizada pela sociedade, representa aquelas que criam os filhos sozinhas em um trabalho árduo.

A Lavadeira

Essa Mulher...
Tosca. Sentada. Alheada...
Braços cansados
Descansando nos joelhos...
olhar parado, vago,
perdida no seu mundo
de trouxas e espuma de sabão
– é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.
Roupa molhada.
Dedos curtos.
Unhas enrugadas.
Córneas.
Unheiros doloridos
passaram, marcaram.
No anular, um círculo metálico
barato, memorial.

Seu olhar distante,
parado no tempo.
À sua volta
– uma espumarada branca de sabão

Inda o dia vem longe
na casa de Deus Nosso Senhor
o primeiro varal de roupa
festeja o sol que vai subindo.

vestindo o quaradouro
de cores multicores
Essa mulher
tem quarentanos de lavadeira.

Doze filhos
crescidos e crescendo.
Viúva, naturalmente.
Tranquila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu.
Enrodilhada no seu mundo pobre.
Madrugadeira.

Salva a aurora.
Espera pelo sol.
Abre os portais do dia
entre trouxas e barreiras.

Sonha calada.
Enquanto a filharada cresce
trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume
na vasca, no gramado.
No arame e prendedores.
Na tina d’água.
De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando. Vai levando.
Levantando doze filhos
Crescendo devagar,
enrodilhada no seu mundo pobre,
dentro de uma espumarada
branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho
da minha terra,
faço deste pequeno poema
meu altar de ofertas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Identificação dos conhecimentos prévios: Leitura realizada em sala e em casa, com formação de dois grupos para apresentação, em aula, posterior de um jogral.

Leitura: leitura compartilhada entre os estudantes.

Ampliação dos conhecimentos: formação de dois grupos e cada grupo ficou responsável por um texto. Os ensaios podem ser feitos pelos participantes por vídeo chamada de *Whatsapp*.

Tradicionalmente, o jogral consiste na dramatização de um trecho ou recitação de obras, realizada com os alunos divididos em grupos de vozes. É o correspondente falado do canto oral. O professor selecionará o trecho ou texto inteiro e montará um jogo de vozes, indicando quando e quem deve falar. É preciso não confundir o jogral com a simples leitura coletiva de um texto. Na verdade, ela é uma espécie de dramatização. Por isso convém que o texto seja memorizado[...] (Cosson, 2006, p. 132).

Sistematização do conhecimento:

Apresentação com os integrantes dos grupos alternando as falas conforme o combinado, mantendo a coerência do texto. Pode-se recorrer ao texto impresso, mas a memorização torna o trabalho mais lúdico.

Figura 7 -



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

8. Miquita – a desigualdade imposta aos excluídos

Figura 8 – Largo da Carioca



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

MIQUITA

Miquita foi moça como toda moça.

Contou seus 15 anos como toda jovem. Era parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas; de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal e desajeitada.

Nem por tantos negativos da natureza, deixou de achar quem a quisesse. Casou-se mesmo, de palma e capela, que a mãe era lavadeira e caprichava com a filha.

Tempos depois, o marido a largava sem dizer nada, abria pé no mundo e nunca mais deu ligação.

Miquita, nova, sozinha, da beira do rio, onde passara a morar com a mãe, que aquela vida de bater roupa nas pedras não era de gente moça, resvalou para o beco onde abriu a porta.

Sempre de pele sarapintada, corpo andrógino de boneca de pano, sem sal e sem jeito, resvalou ainda mais – que o ofício não dava a ela nem para o aluguel do quarto sujo.

Jogou fora os sapatos cambados. Vestiu uns por cima dos outros, os três vestidos repuxados que possuía. Ajeitou rodinha. Botou pote na cabeça e passou a carregar água, da Carioca para a casa de

uns e de outros. Trabalho mal pago, embora sempre lhe dava sobra de almoço e de jantar, canto para dormir e um ou outro cruzeiro para cigarro e pinga – seu maior prazer.

Ia vivendo a Miquita. Pedregulho das ruas não lhe doíam nos pés. Distância da Carioca ao Largo do Chafariz nada era. Sempre seca, sorridente, calada...Era curtinha de prosa e, para dizer verdade, curta era sua pinga, sempre certa. Não caía nem se alterava. Ficava firme e puxava água.

Lata vai, pote vem, coitezinho nadando em cima todo dia...De vez em quando, Miquita suspirava...Tinha uma saudade calado do beco triste, do quarto sujo e dos homens brutais que a espancavam.

Um dia, ganhou de uma dona, de quem vasculhava a casa e arrumava os trens da mudança, um vestido usado de arrasto, de seda ramada, uma bolsa amassada de alça comprida, um par de sapatos deformados de salto Luís XV, muita ramona, um resto de batom e cinco cruzeiros.

Miquita, dona de tanta coisa bonita, pensou numa pinga dobrada. Daí sentiu mais apertada as saudades do beco sujo, da macheza dos homens brutais que a espancavam. Resolveu por uma latinha de pó-de-arroz Lady.

De noite, vestiu o vestido ramado se arrastando por cima dos outros, que sempre trazia no corpo. Calçou umas meias desfiadas, botou os sapatos de salto. Besuntou o beijo e a cara de batom, se branqueou de Lady; atravessou as ramonas na trunfa, deu um jeito no corpo chato e foi se requebrando, num dengo enjoado, rumo à gafeira animada que fazia um zuadão danado, no fundo de um bar suspeito. Foi entrando, se requebrando, toda feliz e sorridente. Uma roda de homens olhava com cinismo o fuzuê do mulherio assanhado. Miquita passou rente. Esbarrou com propósito canalha no primeiro e esclareceu:

- Eu também sou mulher-dama...

Ganhou um safanão que a recambiou para o meio do barulho. E aí foi aquele rodo e taponas. Empurrões, pontapés, xingos, nomes feios...

Miquita perdeu a bolsa, perdeu os sapatos de salto, rasgou o vestido de arrasto e desceu rua abaixo arrastando o canhão das meias soltas.

No dia seguinte, amassada, escoriada, beijo partido, olho machucado, lata d'água na cabeça, caladona...

- que foi que não foi – perguntavam.

- Coitadinha da Miquita... Caiu da escada da Carioca com o pote de água na cabeça... se machucou toda, não foi Miquita?

- Foi não, dona...Caí nada não... É só que muié do bem que nem eu, não pode se misturá com muié-dama.

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 49-51.

O conto “Miquita” é uma narrativa que aborda a estória da personagem Miquita, uma mulher que, ao longo da vida, enfrenta as adversidades com coragem. O texto aborda temas sensíveis como questões sociais, de gênero e preconceito, mostrando como a personagem é marginalizada e também maltratada por tentar ir além das limitações impostas pela sociedade. É uma reflexão sobre a desigualdade imposta aos excluídos, a violência e a ausência de empatia. A estória busca mostrar as relações humanas e as injustiças enfrentadas por aqueles que não se adequam aos padrões duramente estabelecidos. De acordo com Britto e Seda (2009, p. 268), Cora Coralina “[o]ptou por cantar não apenas as belezas de sua terra natal. Descreveu o cheiro nojento das baratas, a galinha morta nos becos, a vida mera das mulheres pobres. Efetuou um canto solidário com os excluídos [...]”.

O conto apresenta uma linguagem adequada ao 8º ano e a escolha levou em consideração um tema relevante para a discussão. O trabalho pode ser feito em uma roda de conversa direcionada para perguntas abertas, o que possibilita a expressão das opiniões, interpretações e sentimentos dos participantes em relação ao texto. É importante explorar elementos como enredo, personagens, espaço, conflitos e desfecho, incentivando, assim, os participantes a identificarem e analisarem esses aspectos.

Na aula direcionada ao conto, os estudantes fizeram alguns comentários sobre suas impressões, vejamos alguns:

“A Miquita deveria ser mais comportada e assim não sofreria preconceito.”

S. E. B.

“A Miquita tinha muitos sonhos e se decepcionou com todos”. B. D.

“Eu acho que ela devia viver do jeito que queria e pronto. Ela não devia satisfação para ninguém”. Y. B.

Fiquei com dó da Miquita. Tudo o que ela fez na vida foi sofrer com a violência dos outros. M. O.

Eu acho que a Miquita não teve oportunidade na vida. Foi abandonada pelo marido, viveu nas ruas e foi agredida. Hoje ainda as mulheres são tratadas dessa forma. E isso é muito triste. Quando é que o povo vai começar a entender que as pessoas são diferentes? A. F. S

O sofrimento e a exploração de Miquita retratados no conto suscitaram uma discussão mais crítica por parte dos estudantes, já que trata de temas complexos como a desigualdade social, de gênero e invisibilidade das mulheres. O conto oferece uma oportunidade de explorar tais questões, além de estimular um pensamento mais crítico e humano sobre essas figuras.

Outro ponto importante, que pode ser abordado, é sobre o respeito à diversidade, a inclusão social e a igualdade por direitos. Esse aspecto é tão relevante, visto que proporciona aos estudantes um momento de expressarem suas opiniões e sentimentos em relação ao tema tratado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Identificação dos conhecimentos Prévios: Discussão sobre questões sociais: gênero e exclusão social.

Leitura: leitura compartilhada entre os estudantes.

Ampliação dos conhecimentos: Debate entre os estudantes sobre o conto e seu tema. Direcionar a atividade com algumas perguntas como:

- Como Miquita emociona o leitor?
- Por quê?
- Quais trechos revelam a carga dramática?
- Qual sua opinião sobre os acontecimentos pelos quais a personagem passou?
- Que reflexão esse texto pode gerar?

Sistematização do conhecimento:

Escrita dos comentários sobre as impressões do texto.

9. Atividades

Figura 9 – Casa da escritora Cora Coralina



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

As atividades aqui sugeridas foram realizadas durante e após a leitura dos contos e tem como objetivo o estímulo à criatividade para a escrita e reescrita dos contos lidos em diferentes gêneros, como: memória, poema e conto. Para isso, as características dos gêneros escolhidos devem ser trabalhadas.

A primeira atividade pode ser uma tempestade cerebral, também conhecida como *brainstorming*, que oportuniza aos estudantes elaborar ideias a respeito da escritora e das obras lidas. É preciso definir o propósito e o que se espera alcançar com essa dinâmica para que haja o engajamento de toda turma. É importante que as regras da tempestade cerebral sejam explicadas e que seja dada a liberdade para o estudante expressar suas ideias.

9.1 Sugestão de atividade

TEMPESTADE DE IDEIAS

1. Primeiramente, definir o assunto, o tema – vida e obras de Cora Coralina.
2. Entregar a cada participante um papel para escrever uma palavra que defina o tema.
3. Cada participante deverá afixar seu papel no quadro.
4. Discutir as palavras escolhidas e esclarecer a escolha.

Figura 10 – Foto da tempestade de ideias



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

9.2 As produções - escritas e reescritas

Para este momento da pesquisa, é necessário retomar com os estudantes os elementos constitutivos dos gêneros memória, poema e conto. Para que os alunos se familiarizem com os gêneros, a serem escolhidos para a produção, o professor deve disponibilizar a leitura deles previamente.

O gênero memórias, por exemplo, pode ser trabalhado a partir da leitura do texto de memórias da escritora Zélia Gattai: “Os automóveis invadem a cidade”. Em sala de aula, deve-se discutir com os estudantes o que são memórias literárias, apresentar as características da narrativa que é narrada em primeira pessoa, o uso dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito, ênfase nas emoções e nas lembranças do passado e reflexão sobre as experiências vividas pelos

personagens. Os estudantes também podem compartilhar oralmente breves memórias pessoais ou um acontecimento marcante em sua vida.

Para o estudo com o poema, é necessária a leitura de um poema com levantamentos sobre a abordagem temática. Além disso, é preciso trabalhar a parte estrutural da poesia como os versos e estrofes, as entonações, pausas, rimas, repetições, comparações, para mostrar como ela contribui para a expressividade e o significado do poema.

Ao conhecer as características e especificidades dos gêneros apresentados para a retextualização, os aprendizes terão condições de fazer um reconto dos textos lidos, em primeira pessoa, em sala de aula, de acordo com o gênero escolhido.

As aulas para a produção de texto devem envolver uma preparação a fim de organizar os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, visto que é o momento de produzir individualmente um reconto das obras lidas em um gênero diferente. É necessário retomar as características dos gêneros, a emotividade, o trabalho com a linguagem e as situações de produção, ou seja, para quem escrevemos, quem será o leitor, e qual o objetivo da escrita.

Para que o trabalho tenha um bom resultado, é preciso que haja uma negociação com os estudantes para evitar dispersão e o professor pode contribuir fazendo algumas perguntas sobre o texto trabalhado e orientar a turma a expandir as ideias propostas no texto e até mesmo, alterar o desfecho. Os discentes devem perceber se o texto envolve o leitor, se ele prende a atenção e desperta o interesse e, ao mesmo tempo, precisam se sentir estimulados para a produção textual.

O texto final é a reescrita em primeira pessoa que tem como objetivo familiarizar os estudantes com os gêneros memórias, conto e poesia, além de proporcionar uma reflexão mais humanizada sobre as condições vividas pelos personagens, estimulando a empatia. Essa atividade de reescrita deve ser planejada como um momento de sistematização dos conhecimentos adquiridos, permitindo aos alunos reconhecer e organizar os textos discutidos em sala de aula. Essa abordagem visa promover uma apropriação mais crítica do conhecimento por parte dos estudantes.

A seguir, as orientações para a produção textual e alguns textos produzidos pelos estudantes:

Orientações Para a Produção

- Observe a situação de comunicação (quem fala, de que lugar, com que objetivo, quem irá ler;
- Decida a melhor forma de iniciar o texto;
- Releia com atenção cada parágrafo ou estrofe produzida para verificar o encadeamento das ideias. Faça alterações, caso seja necessário;
- Observe se seu texto tem unidade, coesão e coerência;
- Fique atento aos aspectos próprios dos gêneros;
- Verifique o uso correto da pontuação;
- Escolha um título interessante;
- Consulte o texto original, sempre que necessário.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

1ª PRODUÇÃO TEXTUAL

Eu sou a Miquita.

Sempre fui muito pobre, mas minha mãe cuidou bem de mim e eu me casei com um homem que me abandonou um tempo depois. Minha condição era muito ruim, pois não sou uma mulher bonita e nem tenho atrativos, mas com as dificuldades que encontrei lavando roupas, decidi ser uma mulher da noite em um beco escuro e feio. Fui muito maltratada pelos homens que cruzaram meu caminho. Não é uma vida fácil ser uma mulher assim.

O que eu ganhava era tão pouco que tive que abandonar tudo e viver de carregar pote de água na cabeça, ali da Carioca para entregar a alguns moradores. Outro emprego ruim que mal dava para achar um lugar para dormir e pagar janta e almoço e também um cigarrinho e uma pinguinha, uma das minhas paixões.

Mas sabe? Eu sentia uma saudade do beco, dos homens, da vida de mulher-dama e por isso, resolvi ir em uma gafeira. Me ajeitei toda e fui para lá. Ah, um homem se encostou em mim e logo avisei quem eu era, mas como todos que passaram no meu caminho, me deu uns tapas, mas eu não sou mulher de apanhar assim não. Bati também, mas apanhei muito e fiquei machucada. O que me restou? Voltar para a vida de carregar água.

V. D



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

REESCRITA

Eu sou a Miquita.

Lembro-me da minha vida sem saudades do que passou. Sempre fui muito pobre, mas minha mãe cuidou bem de mim e eu me casei com um homem que um dia me abandonou. Minha condição era muito ruim e passei a lavar roupas no rio com minha mãe.

Eu nunca fui uma mulher bonita e nem tive atrativos, mas com as dificuldades que encontrei lavando roupas, decidi ser uma mulher da noite em um beco escuro e feio. Fui muito maltratada pelos homens que cruzaram meu caminho! Não é uma vida fácil ser uma mulher assim. As pessoas nos desprezam por causa do nosso jeito de ganhar dinheiro para sobreviver e não sabem o porquê nem as coisas pelas quais passamos.

Naquele tempo, o que eu ganhava era muito pouco e, por isso, que tive que abandonar tudo e viver de carregar pote de água na cabeça, ali da Carioca para entregar a alguns moradores. Outro emprego ruim que mal dava para manter um lugar para dormir e pagar janta e almoço e também um cigarrinho e uma pinguinha, uma das minhas poucas alegrias.

Mas sabe? Eu sentia era uma saudade do beco, dos homens, da vida de mulher-dama e por isso, resolvi ir em uma gafieira quando uma vez fui presenteada com umas roupas e maquiagem, tudo velho, porém novo para mim. Fiquei linda e fui para lá. Aconteceu de um homem se esbarrar em mim e logo avisei que era mulher-dama, mas como todos que passaram no meu caminho, me deu uns tapas. Nunca fui mulher de apanhar assim não e bati também, apanhei muito e fiquei machucada. A dor que senti, além da física, era na alma e isso dói até hoje, mesmo passados muitos anos. A vida foi dura comigo, mesmo eu tentando me adequar a ela. Aos olhos dos outros, ainda sou aquela mulher que não presta, mulher de vida fácil. Acontece que nunca foi e não é fácil. E o que me restou? Voltar para a vida de carregar água.

V.D



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

1ª PRODUÇÃO TEXTUAL

Prazer sou o milho!

Não sou planta bem valorizada.
Muito menos bonita e cheirosa.
Sou só uma planta simples.

Geralmente, eu mesma me planto
Jogada por acaso.
Hoje sou planta de fazendeiro rico
E de quintais e lavouras pobres.
Primária de lavoura.

Com muito empenho me entrego,
Ainda assim, não me vejo
Igual aquele que faz o pão.
Mas agradeço ao meu Senhor,
Por me tornar tão vital e humilde. (M. S. O.F)



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA
REESCRITA**

Prazer, sou o milho!

Não sou planta bem valorizada.
Não sou planta de enfeitar.
Muito menos bonita e cheirosa.
Sou só uma planta simples.

Geralmente, eu mesma me planto
Jogada por acaso.
Hoje sou planta de fazendeiro rico
E de quintais e lavouras pobres.
Sou planta humilde.
Primária de lavoura.

Com muito empenho me entrego,
Ainda assim, não me vejo
Igual aquele que faz o pão.
Mas agradeço ao meu Senhor,
Por me tornar tão vital e humilde,
E por me presentear com tanto amor!
Prazer,
Sou o milho! (M. S. O.F)

Considerações Finais

A leitura em sala de aula é basilar para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social dos estudantes. Para Andruetto,

[q]uando lemos, ensinamos, escrevemos e ajudamos outros a ler, ensinar, escrever, as palavras nos vinculam ao mesmo tempo ao individual e ao social, pois, além daquela prática solitária e extraordinária a que amiúde nos referimos, a leitura é um instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir; a leitura também é uma possibilidade esplêndida para dar lugar a perguntas, à discussão, ao intercâmbio de percepções e à construção de um juízo próprio (Andruetto, 2017, p. 104).

O ato de ler vai além da simples decodificação das palavras em um texto, por meio de práticas de leitura, o sujeito é construtor de seu pensamento e de seu conhecimento.

Formar leitores competentes e com um olhar crítico é um dever da escola, especialmente a pública, para contribuir de modo efetivo com a formação integral do ser humano, mostrando possíveis direções de um mundo melhor.

A expectativa é de que as vivências, aqui apresentadas, tenham um papel significativo e despertem o desejo de ler e que o leitor possa escolher suas próprias leituras e se sinta mais motivado e engajado nessa prática. O processo não é fácil e pede que o professor seja um agente ativo que abrace a leitura como uma atividade prazerosa e transformadora. Entretanto, esse compromisso não cabe somente ao professor, mas a outros agentes como a família, a comunidade escolar e a mídia que devem atuar em conjunto para estimular o interesse pelo livro literário.

Para Cora Coralina (1987, p. 62) “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”. Assim, o ponto de partida para essa caminhada pode ser apenas uma palavra, mas é nessa jornada com os livros que nos enriquecemos.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 104-116, v. 11.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Jornal do Brasil**, 1980. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/marcada-por-memorias-poesia-de-cora-coralina-destaca-vida-simples-e-dura>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Jornal do Brasil**, 1980.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução: Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**¹. Disponível em: <https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>. Acesso em: 25 fevereiro 2024.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 11ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: Os livros e a Escola do Tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOSI, Alfredo. **O conto contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9 ed., tradução de Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papirus, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina. **Hispanista**, v. X, n. 38, 2009. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/286.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. 3.ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a Formação do Homem. *In*. CANDIDO, Antônio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP 2012, p. 81- 90. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/86359> 92. Acesso em: 14 março 2024.

CARR, Nicholas G. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Agir: 2011.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 4ª reimpressão. São Paulo: Global, 2014.

CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. 12ª. ed. São Paulo: Global, 2008.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. -23ª Ed. – São Paulo: Global, 2006.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9.ed. São Paulo: Global, 2001. p. 62.

CORALINA, Cora. **O tesouro da velha casa**. 5ª Ed. São Paulo: Gaia: 2002.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: UFG, 1987.

CORALINA, Cora. **Cora Coralina, aos 92 anos**: eu sou a própria terra. Correio Brasiliense, Brasília, 20 dez. 1987.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSSON, Rildo. **Letramento literário** – teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. 23ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.